

OLÍVIA BARBOSA MIRANDA

REPETIÇÃO E GOZO: MEU BEM, MEU MAL

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bianca Maria Sanches Faveret
Co-Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alinne Nogueira Silva Coppus

Juiz de Fora

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

OLÍVIA BARBOSA MIRANDA

REPETIÇÃO E GOZO: MEU BEM, MEU MAL

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Psicologia por Olívia Barbosa Miranda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Bianca Maria Sanches Faveret

Co-orientadora: Prof^a. Dr^a. Alinne Nogueira Silva Coppus

Juiz de Fora

2013

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Miranda, Olívia Barbosa.

Repetição e gozo: meu bem, meu mal / Olívia Barbosa Miranda.

-- 2013.

52 f. : il.

Orientadora: Bianca Maria Sanches Faveret

Coorientadora: Alinne Nogueira Silva Coppus

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2013.

1. repetição. 2. gozo. 3. pulsão de morte. 4. transferência. 5. psicanálise. I. Faveret, Bianca Maria Sanches, orient. II. Coppus, Alinne Nogueira Silva, coorient. III. Título.

Miranda, O. B. (2013). *Repetição e gozo: meu bem, meu mal*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por **Olívia Barbosa Miranda**.

Dissertação defendida e aprovada em **vinte e oito de fevereiro de dois mil e treze** pela banca constituída por:

Presidente: Prof. Dr. Antenor Salzer Rodrigues
Universidade Federal de Juiz de Fora

Titular: Prof^ª. Dr^ª. Anna Carolina Lo Bianco Clementino
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Bianca Maria Sanches Faveret
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora

2013

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Bianca Faveret, pelo espaço dado para escolher os trajetos a seguir ao longo dessa pesquisa.

À minha co-orientadora Alinne Nogueira, cujas contribuições preciosas foram essenciais ao longo dessa pesquisa.

Aos professores Anna Carolina Lo Bianco e Antenor Salzer pela forma acolhedora com que receberam meu trabalho.

À professora Regina Herzog pelas sugestões oferecidas em meu exame de qualificação.

Às queridas Zu e Zulmira, por me instigarem a enveredar pelos caminhos da psicanálise.

Ao meu pai, Roberto, e à minha irmã, Roberta, pelas leituras e pela colaboração no processo de revisão textual.

À minha família, em especial meus pais, minha irmã e minha avó, por todo o amor e apoio incondicional ao longo dos anos.

Aos amigos, pelos momentos de descontração, tão necessários nesse processo.

À Mônica Magalhães, por sua escuta que faz a diferença.

À Capes, pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa.

“O que não tem descanso, nem nunca terá
O que não tem cansaço, nem nunca terá
O que não tem limite”.

Chico Buarque

RESUMO

Essa dissertação tem como objetivo compreender a repetição em sua articulação com o gozo. Sabe-se que a repetição é o próprio gozo, o qual visa à satisfação pulsional, independentemente do princípio de prazer, como Freud já havia apontado, ao abordar a repetição. A fim de atingir o objetivo pretendido, este trabalho realiza uma conceituação da repetição, partindo das contribuições de Freud e Lacan. Discute-se também a teoria das pulsões, enfatizando a construção do conceito de pulsão de morte. Ao buscar efetuar uma articulação entre gozo, repetição e pulsão de morte, dando destaque à satisfação pulsional, nos detivemos na modalidade de gozo referente ao mais-de-gozar, diretamente relacionado ao objeto *a*, sendo o mais-de-gozar um suplemento, um resto de gozo que se produz no processo de significância e que aponta, ao mesmo tempo, para uma perda e para um excesso. Por fim, trabalha-se a transferência em sua íntima relação com a repetição e o gozo, destacando-se as junções, disjunções e intersecções entre os referidos conceitos. Devido às dificuldades próprias ao tratamento e à importância, no processo de análise, de se promover uma modificação na relação estabelecida entre o sujeito e seu gozo, a relevância do tema em questão é indiscutível.

Palavras-chave: repetição; gozo; pulsão de morte; transferência; psicanálise

ABSTRACT

This thesis aims to understand repetition in its articulation with the *jouissance*. We know that repetition is the *jouissance*, which aims to get satisfaction, apart of the pleasure principle, as Freud had pointed out when addressing the repetition. To achieve the desired aim, this paper conducts a conceptualization of repetition using the contributions of Freudian and Lacan. We also discuss the theory of instincts, emphasizing the construction of the concept of death instinct. Since this work aims to make a link between *jouissance*, repetition and death instinct, giving prominence to instinctual satisfaction, we examined the modality of *jouissance* called *plus-de-joir*, directly related to the object *a*. *Plus-de-joir* is a supplement, a remnant of *jouissance* produced in process of significance, pointing both to a loss and to an excess. Finally, we examined the intimate relationship between transference, repetition and *jouissance*, especially the joints, intersections and disjunctions between those concepts. The theme's relevance is indisputable because of the difficulties in treatment and the importance, in the process of analysis, to promote a change in the relationship that the subject establishes with its *jouissance*.

Key-words: repetition; *jouissance*; death instinct; transference; psychoanalysis

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Alienação	30
Figura 2. Separação	30
Figura 3. Circuito em flecha da pulsão	31

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 - REPETIÇÃO.....	14
1.1. Conceito.....	14
1.2. <i>Tiquê e autômaton</i>	17
CAPÍTULO 2 - TEORIA DAS PULSÕES E PULSÃO DE MORTE: “A NOSSA MITOLOGIA”.....	24
CAPÍTULO 3 – GOZO.....	30
CAPÍTULO 4 - TRANSFERÊNCIA, REPETIÇÃO E GOZO: JUNÇÕES, DISJUNÇÕES E INTERSECÇÕES.....	36
4.1. Junções, Disjunções e Intersecções.....	36
4.2. Um pouco da Clínica.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Ao realizar o trabalho de conclusão de curso, ao fim da graduação em Psicologia, o tema abordado foi a compulsão à repetição, que se colocou como uma questão para sua autora, após a leitura de alguns textos freudianos sobre o tema, e também, após observações realizadas nos primeiros contatos com a clínica psicanalítica.

O referido trabalho baseou-se na obra freudiana, sendo utilizadas algumas referências esparsas à obra de Jacques Lacan, quando necessário.

Se Freud, inicialmente, acreditava que todos os processos psíquicos estavam submetidos ao princípio de prazer, com a descoberta da compulsão à repetição – cujas manifestações o desprezavam claramente – fez-se necessária uma nova elaboração da teoria, a qual passou a abrigar, também, o conceito de pulsão de morte, intimamente entrelaçado à repetição. No decorrer da obra freudiana, a compulsão à repetição – que no princípio era creditada, mais diretamente, à repetição do sintoma – ganhou status de dado estrutural, sendo da ordem do insuperável, pois se percebeu que “não podemos nos desembaraçar por completo dessas manifestações residuais” (André de Sousa, 1996, p.453). Conseqüentemente, mudanças no manejo da clínica psicanalítica fizeram-se necessárias.

Ao fim do trabalho, muitos questionamentos permaneceram em aberto, apontando para a necessidade de novas pesquisas, de modo a compreender melhor o estatuto da repetição e sua relação com a noção de gozo, cujo conceito foi elaborado ao longo do ensino de Lacan.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender os fenômenos supracitados, tão relevantes à práxis psicanalítica, uma vez que a economia de gozo é de suma importância no processo de análise, devido às dificuldades que imputa ao tratamento, pois é preciso que o paciente consiga ceder, ao menos um pouco, a essa satisfação paradoxal obtida através de seu sintoma e da qual não abre mão. Além disso, observou-se que as intervenções no nível do desejo, apesar de necessárias e importantes, mostram-se insuficientes para modificar, efetivamente, essa relação entre o sujeito e seu modo de gozo, sendo preciso contemplar esses pontos de gozo do sujeito, a fim de que este possa abrir mão do mesmo.

Com o intuito de discutirmos a problemática em questão, a organização do trabalho se dará da seguinte maneira:

No primeiro capítulo será realizada uma conceituação da repetição, partindo das contribuições freudianas, que a abordou, principalmente, através da transferência. Para tanto, lançaremos mão de textos como *Projeto Para uma Psicologia Científica* (1895/1996),

Recordar, Repetir e Elaborar (1914/1996), *Além do Princípio de Prazer* (1920/1996), entre outros. Recorreremos também ao ensino de Lacan, através do qual foi possível dar continuidade às discussões referentes à repetição – entendida como um dos quatro conceitos fundamentais para a psicanálise, distinto do conceito de transferência – além de possibilitar o esclarecimento da relação existente entre repetição e a cadeia significante. Diferenciou-a em dois tipos, sobre os quais nos debruçaremos: *tiquê* e *autômaton*.

Já no segundo capítulo será discutida a teoria das pulsões em Freud, caracterizando-a e mostrando a modificação que esta sofreu a partir da introdução do conceito de pulsão de morte. Textos como *O Instinto e Suas Vicissitudes* (1915/1996), o já mencionado *Além do Princípio de Prazer* (1920/1996), *O Problema Econômico do Masoquismo* (1924/1996), dentre outros da obra freudiana, bem como alguns seminários de Lacan e outros autores serão utilizados a fim de promover uma discussão enriquecida. Serão analisados fenômenos como os sonhos presentes nas neuroses traumáticas, o jogo do *fort-da*, a reação terapêutica negativa, entre outros, numa tentativa de elucidá-los.

No terceiro capítulo o foco será sobre o gozo, após abordarmos a repetição e a pulsão de morte, uma vez que este conceito é uma consequência dos demais, sendo elaborado por Lacan, ao longo de todo seu ensino, sofrendo inúmeras modificações durante os anos. Este é um campo cuja complexidade e importância, tanto teórica, quanto para a dinâmica do tratamento, é imensa, uma vez que promove um passo além do que Freud pode dar em sua obra.

Em nossa discussão, serão priorizados os seminários 11, 16 e 17 de Lacan intitulados, respectivamente, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964/1988), *De um Outro ao outro* (1969/2008) e *O Averso da Psicanálise* (1970/1992). Esta escolha se deu em função do fato de que nosso maior interesse está no gozo relacionado à repetição, numa vertente que diz respeito à satisfação paradoxal que o sujeito obtém de variadas formas, as quais acarretam um grande sofrimento ao mesmo, apontando para um excesso. Desse modo, sinalizaremos as diversas modalidades de gozo, mas nos aprofundaremos na modalidade do mais-de-gozar, pois além de sua pertinência para nossa discussão, é inviável promovermos uma discussão rica em cada uma das modalidades de gozo destacadas durante todo o ensino de Lacan, nesse projeto.

O quarto, e último, capítulo versará sobre a relação existente entre transferência, repetição e gozo, estabelecendo-se as relações existentes entre esses conceitos, bem como as diferenças existentes entre os mesmos. Optamos por trabalhar a transferência em função de sua importância para a clínica, pois se trata de uma ferramenta indispensável ao tratamento

analítico, e também porque nela se podem perceber as diferentes articulações existentes com as questões referentes à repetição, à pulsão e ao gozo, nos termos das junções, disjunções e intersecções entre eles.

Para tanto, assim como nos capítulos anteriores, partiremos das elaborações freudianas, recorrendo a textos como *A Dinâmica da Transferência* (1912/1996), *Conferência XXVII: a Transferência* (1917/1996), entre outros já mencionados, mas sempre lançando mão do ensino de Lacan, principalmente através do seminário 8, cujo título é *A Transferência* (1961/1992) e dos já referidos seminários 11 (1964/1988) e 17 (1970/1992), entre outros, de modo a avançarmos no que concerne aos aspectos aqui colocados em questão.

Por fim, gostaríamos de destacar que, apesar do presente trabalho ter se originado em decorrência dos primeiros contatos da autora com a clínica, intrigando-a acerca das questões aqui levantadas, optamos por delimitar essa pesquisa à exploração conceitual dos fenômenos supracitados, visto a complexidade dos mesmos. Desse modo, este trabalho se trata de uma aproximação teórica em relação às questões que o inspiraram. Ainda assim, esperamos contribuir com a clínica psicanalítica através do mesmo, ao buscarmos lançar alguma luz sobre a problemática aqui abordada.

CAPÍTULO 1 - REPETIÇÃO

1.1. Conceito

Freud deparou-se, ao longo de sua clínica, com a repetição, fenômeno que o levaria a questionar tanto o método clínico, do qual fazia uso, quanto a reformular aspectos fundamentais de sua elaboração teórica.

Apesar de haver referências anteriores que apontam para a posterior elaboração acerca da repetição, como, por exemplo, no *Projeto Para uma Psicologia Científica* (1895/1996), será somente em 1914, no artigo *Recordar, Repetir e Elaborar*, que encontraremos a primeira conceituação de compulsão à repetição. De acordo com Freud (1914/1996), “podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu ou recalçou, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente saber que o está repetindo” (p. 165, grifo do autor).

A partir da referida definição, é possível questionar o que, afinal, o paciente repete. Como resposta – em um momento inicial de sua obra – tem-se que aquilo que é repetido, nada mais é do que o retorno do recalçado, trata-se de uma repetição a partir do sintoma. No entanto, ao longo de sua experiência, Freud percebe que o que está em jogo está para além da repetição do sintoma, sendo o fenômeno que se configurava um dado inerente à estrutura do sujeito, fazendo da compulsão à repetição algo da ordem do insuperável, uma vez que “não podemos nos desembaraçar por completo dessas manifestações residuais” (André de Sousa, 1996, p. 453).

A insistência com a qual se apresenta no próprio sintoma e nas demais ações repetitivas do sujeito, possíveis de se observar na clínica, chama atenção, podendo ser explicada em função do alto grau pulsional em jogo e trazendo importantes conseqüências para a condução do tratamento.

Outro aspecto fundamental da repetição é o fato de desprezar, claramente, o princípio de prazer, levando Freud a reformular sua teoria pulsional e introduzir a pulsão de morte em seu escopo. Abordaremos, mais adiante, no presente trabalho, o estatuto da pulsão e como Freud e, posteriormente, Lacan desenvolveram a idéia de pulsão de morte. No entanto, antes de entrarmos nestas questões, daremos continuidade a presente discussão acerca do conceito de repetição.

Faz-se necessário destacar que, em *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud, em sua conceituação sobre a repetição, aborda-a através de sua relação com a transferência, gerando, algumas vezes, uma confusão entre estes dois conceitos. Afirma, por exemplo, que “a transferência é, ela própria, apenas um fragmento da repetição e que a repetição é uma transferência do passado esquecido, não apenas para o médico, mas também para todos os outros aspectos da situação atual” (Freud, 1914/1996, p. 166). No entanto, é de extrema importância frisar que apesar de encontrarem-se ligadas, a transferência não constitui a totalidade da repetição. Lacan destaca a separação entre os conceitos de repetição e transferência. Em seu seminário intitulado *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise* (1964/1988), afirma que “é moeda corrente ouvir-se, por exemplo, que a transferência é uma repetição. Não digo que isto seja falso e que não haja repetição na transferência. Não digo que não tenha sido a propósito da transferência que Freud abordou a repetição. Digo que o conceito de repetição nada tem a ver com o de transferência” (Lacan, 1964/1988, p. 36).

Ainda que distintas, como Lacan destacou, Freud, no já referido texto de 1914, trabalhou a repetição nesses termos. Nele afirmou, por exemplo, que a seqüência do material a ser repetido é determinada pelas resistências e que identificar o papel desempenhado por elas é algo relativamente simples, pois à medida que as resistências aumentam, a atuação (*acting out*) também aumenta, deixando o recordar em segundo plano.

Desse modo, o principal instrumento utilizado, pelo analista, para trabalhar a compulsão à repetição do paciente, fazendo com que esta se torne uma razão para recordar, é o manejo da transferência, pois ao conceder à compulsão um campo definido, no qual possa se manifestar livremente, esta se torna, então, útil ao tratamento. “Admitimo-la à transferência como a um playground no qual se espera que nos apresente tudo no tocante às pulsões patogênicas, que se acha oculto na mente do paciente” (Freud, 1914/1996, p. 169).

Em *Além do Princípio de Prazer*, 1920, Freud aponta para o fato de que, devido à incapacidade do paciente de recordar tudo aquilo que se encontra recalçado em seu inconsciente, ele repete este material como algo pertencente ao presente, ao invés de recordá-lo sob a forma de uma lembrança. É notório que, freqüentemente, justamente aquilo que não é possível ser recordado, mostra-se como sendo o que há de essencial. Essa repetição, de algo que jamais produziu prazer, sempre está relacionada a fragmentos da vida sexual infantil, sendo atuadas na esfera da transferência, a qual se encontra ligada ao complexo de Édipo.

Há uma diferença fundamental referente à repetição nos textos supracitados, já que dizem respeito a momentos distintos da obra de Freud. Em *Recordar, Repetir e Elaborar*, de 1914, a compulsão à repetição era vista, como mencionado anteriormente, como o retorno do

recalcado, tornando-se mais intensa no processo analítico quando havia uma aproximação dos complexos patogênicos. A pulsão de morte ainda não havia sido reconhecida por Freud, sendo conceituada em 1920, no texto *Além do Princípio de Prazer*. É a partir deste momento que a repetição vê-se ligada à pulsão de morte, em um movimento constante de repetir situações que jamais foram prazerosas, apontando para uma tendência do aparelho psíquico de retornar sempre ao mesmo ponto, independente do princípio de prazer. À época desse texto, Freud ainda acreditava ser possível cessar a repetição através da interpretação analítica, constatando, posteriormente, que há algo de inevitável na repetição.

É preciso esclarecer que a repetição, enquanto reexperiência do idêntico, se trata apenas de mais uma expressão do princípio de prazer. Freud, em seu texto *Projeto Para uma Psicologia Científica*, datado de 1895, discorre sobre o conceito de facilitação (*Bahnung*), ligado à idéia de repetição. Neste trabalho aborda o aparelho psíquico enquanto um aparelho neuronal, no qual circulam quantidades de energia Q (energia em geral ou exógena) e Q'n (energia endógena) e cuja tendência é explicada pelo princípio de inércia neuronal, o qual podemos aproximar do princípio de prazer, uma vez que esse afirma que os neurônios tendem a se livrar de Q ou de, pelo menos, mantê-la no nível mais baixo possível.

Em sua tentativa de explicação, Freud lança mão da teoria das barreiras de contato, em que afirma existirem resistências nos contatos entre os neurônios, os quais se dividem, a princípio, em duas classes: os neurônios phi e psi (permeáveis e impermeáveis à Q'n, respectivamente). A facilitação seria, nesse contexto, explicada da seguinte forma: os neurônios psi, por serem portadores de memória, quando submetidos a uma passagem de excitação sofrem uma alteração permanente, levando a uma supressão/redução de resistências, priorizando uma determinada via neuronal.

Desse modo, a facilitação ainda obedece ao princípio de prazer, uma vez que o que acontece neste processo é a existência de uma tendência à passagem de excitação ocorrer por uma mesma via, havendo uma resistência em se buscar novos caminhos. (Freud, 1895/1996; Garcia-Roza, 1997)

Lacan (1960/1997) nos mostra que a facilitação se encontra relacionada a um prazer da facilidade, não devendo ser entendida apenas como um efeito mecânico. Trata-se, portanto, de algo da ordem de um prazer da repetição.

Por sua vez, a compulsão à repetição, enquanto tal, entendida como uma busca incessante do reencontro com o objeto perdido – *das Ding*, “a Coisa” para Freud – está fadada ao fracasso contínuo. Apesar disso, as tentativas de reencontrá-lo continuam, lançando-se mão de objetos variados, a fim de substituí-lo, ainda que não seja possível encontrar algum que

seja equivalente, pois o objeto perdido nunca existiu de fato. Desse modo, cabe afirmar que “a compulsão à repetição se estrutura em torno de uma perda, na medida em que o que se repete não coincide com o que isso repete” (André de Sousa, 1996, p. 449).

Ao entendermos a repetição como uma falha nos processos de defesa, como um fracasso em impedir o retorno do recalado, é possível compreender a razão de ela estar destinada a ser mal-sucedida. Isso se dá porque as lembranças não têm acesso à consciência sem sofrer alguma modificação, de modo que a repetição, como repetição das diferenças, pode ser entendida como consequência desse processo de recalamento. Sendo assim, é possível compreender a insistência constante de movimento de retorno do material recalado. (André de Sousa, 1996)

1.2. *Tiquê e autômaton*

Em sua análise do conceito de repetição em Freud, Lacan irá apontar para a noção de que esta demanda sempre algo novo, colocando de lado a idéia de que a repetição se encontraria ligada unicamente ao movimento de retorno do recalado, de reprodução em ato, quando uma impossibilidade à rememoração se instaura. Segundo o autor, “não há como confundir a repetição nem com o retorno dos signos, nem com a reprodução, ou a modulação pela conduta de uma espécie de rememoração agida” (Lacan, 1964/1988, p. 56).

Lacan não nega que o retorno e a reprodução sejam partes constituintes da repetição, no entanto esclarece que estas não abarcam a totalidade do fenômeno, desdobrando-a em duas formas distintas, porém relacionadas: *tiquê* e *autômaton*.

Estes conceitos serão trabalhados no seminário 11, intitulado *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, onde serão abordados o inconsciente, a repetição, a pulsão e a transferência. O referido seminário marca uma virada no ensino de Lacan, pois coincide com sua ruptura com a IPA, denominada, por ele, de excomunhão, assim como com sua “ruptura” com Freud. A partir desse seminário, assumirá uma postura teórica mais independente, deixando de trabalhar um ou mais livros de Freud a cada ano e introduzindo suas próprias contribuições à psicanálise, como, por exemplo, os três registros e os conceitos de objeto *a* e de gozo, dentre outras. No entanto, nunca deixou de lado os conceitos fundamentais e sua proposta de um retorno a Freud. (Miller, 1997)

Uma explicação sobre os três registros torna-se indispensável, a fim de fundamentar a presente discussão referente à repetição, do modo como Lacan a aborda. Sabe-se que os três

registros, imaginário, simbólico e real, encontram-se entrelaçados, sendo inseparáveis, podendo ser concebidos como dimensões da estrutura do psiquismo humano.

O imaginário está ligado à imagem, ao que é captado pela via do olhar, ao processo de constituição do eu, como Lacan formulou ao discorrer sobre o estágio do espelho, quando a criança, por volta de seis a dezoito meses, ao se deparar com sua imagem refletida no espelho, a reconhece como sua, ocorrendo nesse momento uma identificação. A partir daí, produz-se uma transformação no sujeito, sendo este processo de identificação descrito por Lacan como a matriz simbólica em que o [eu]¹ irá se instaurar. Essa imagem estabelecida tendo como ponto de partida o eixo especular, por se constituir através de uma *gestalt* fechada, dá ao sujeito a impressão de que ele é todo, de que uma unidade existe, ocultando a divisão inerente ao ser humano, o que prefigura sua destinação alienante. (Lacan, 1936/1998)

Já o simbólico é designado como um lugar, mais precisamente, como o lugar que comporta o campo da linguagem. De acordo com Vanier (2005), “a ordem simbólica é aquela da linguagem, e o inconsciente é “estruturado como uma linguagem”, o que determina a orientação da análise e sublinha o primado do simbólico. Se o Imaginário lhe é subordinado, é devido ao primado do significante [...]” (p. 60).

É no Outro, grafado em maiúscula a fim de diferenciá-lo do outro enquanto semelhante, que se encontra o conjunto dos significantes, imprescindível na constituição do sujeito, pois “o significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1969/2008, p. 18). O registro simbólico suporta o Édipo, assim como a função do pai e a Lei em suas relações com o desejo, lei esta, referente à interdição do incesto, sem a qual não haveria cultura, uma vez que esta equivale às leis da linguagem.

O real, por sua vez, é descrito como o inapreensível, como um resto, o qual a articulação significante não é capaz de suportar, não sendo, portanto, simbolizável. É aquilo que insiste, resistindo ao simbólico (Braga, 1999). Pertence à categoria do irrepresentável, apontando para a impossibilidade da relação sexual. Não deve ser confundido com a noção de realidade.

O objeto *a*, que será abordado mais adiante no presente trabalho, encontra-se nesse registro, pois é o resto da operação de alienação e separação, designada como causa do sujeito. (Vanier, 2005)

Resumidamente, pode-se afirmar que:

¹ Trata-se, em francês, do *Je* (sujeito do inconsciente), grafado, no referido texto de Lacan, como [eu].

na categoria do simbólico [Lacan] alinhou toda a reformulação buscada no sistema saussuriano e levi-straussiano; na categoria do imaginário situou todos os fenômenos ligados à construção do eu: antecipação, captação e ilusão; e no real, por fim, colocou a realidade psíquica, isto é, o desejo inconsciente e as fantasias que lhe estão ligadas, bem como um “resto”: uma realidade desejante, inacessível a qualquer pensamento subjetivo. (Roudinesco & Plon, 1998, p.645)

Após breve contextualização dos registros lacanianos, é possível retomar a discussão acerca da repetição, em termos de *tiquê* e *autômaton*. Enquanto o *autômaton* é articulado em relação à rede dos significantes, *tiquê* o será em relação ao “encontro do real” (Lacan, 1964/1988, p.56).

“O real está para além do *autômaton*, do retorno, da volta, da insistência dos signos² aos quais nos vemos comandados pelo princípio de prazer. O real é o que vige sempre por trás do *autômaton*, e do qual é evidente, em toda pesquisa de Freud, que é do que ele cuida” (Lacan, 1964/1988, p. 56, grifo nosso).

Depreende-se desta afirmação que o *autômaton* compreende, justamente, a dimensão de retorno do recalcado já citada anteriormente, sendo algo passível de se atribuir alguma significação. Já a *tiquê* ao apontar para o real, relaciona-se com o inapreensível, pois diz respeito a um “encontro enquanto que podendo faltar, enquanto que essencialmente é encontro faltoso” (Lacan, 1964/1988, p. 57).

Sendo assim, é possível pensar que é no encontro com o real, com o inassimilável que a produção do novo se dá, já que “a repetição demanda o novo” (Lacan, 1964/1988, p. 62).

Garcia-Roza (1987), ao discorrer sobre a repetição e a busca pelo objeto perdido, fala da relação estabelecida por Lacan, no seminário 7, entre *das Ding* e *die Sache*, ambos significando “coisa”, mas diferentes em sua essência. Ocorre que ao buscarmos *das Ding*, a Coisa freudiana, objeto perdido por excelência, nos deparamos com *die Sache*, cuja presença é ilusória, uma vez que permite uma satisfação parcial, ao fazer referência a um preenchimento do vazio de *das Ding*. No entanto, o autor ressalta que não se deve confundir o último com o real, posto que, ainda que o nomeemos como objeto perdido, não o foi de fato, pois, “o que se constitui como ‘perdido’ é a nossa procura” (Garcia-Roza, 1987, p. 43).

Segundo Lacan (1964/1988), não se trata em Freud de uma repetição da ordem da necessidade, do instinto, nem de uma reprodução, mas de uma repetição de decepção, cuja

² Apesar de encontrarmos neste texto o termo signo, devemos tomá-lo como significante. Signo é aquilo que representa algo para alguém. Já o significante, na concepção lacaniana, não tem relação com o significado, pode não significar nada ou significar qualquer coisa. Além disso, outra característica é estar articulado a outros significantes, de modo a formar uma cadeia. (N. Ferreira, *Jacques Lacan: Apropriação e subversão da linguística*, pp. 113-131)

experiência aponta para o real, condenando o sujeito a uma busca desde sempre, fadada a fracassar. A repetição e o registro do real encontram-se intimamente relacionados, pois, para Lacan o real é o limite da reprodução, ele é “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (Lacan, 1964/1988, p. 52).

Conforme mencionamos anteriormente, o real é o impossível. Segundo Luiz (2012), trata-se de algo que não cabe em palavras, uma vez que não comporta simbolização, situando-se além da possibilidade de representação. Encontra-se aí a origem dessa dimensão de insistência que lhe é própria.

No seminário 20, intitulado *Mais, Ainda*, Lacan (1973/1985) aborda o real nos termos de um impasse em sua formalização, de uma impossibilidade lógica. Para tanto, ele irá diferenciar o real do necessário e da contingência, sendo o necessário apontado como aquilo que “não para de se escrever” (Lacan, 1973/1985, p. 127) e que podemos exemplificar através do sintoma. Já a contingência é dita como o que “para de não se escrever” (Lacan, 1973/1985, p. 126) e é exemplificada através da relação estabelecida entre a experiência analítica e o falo, a qual para de não escrevê-lo. O real, por sua vez, é algo que “não para de não se escrever” (Lacan, 1973/1985, p. 127), é o impossível, o que não pode se escrever em nenhum caso, sendo ilustrado através da impossibilidade de inscrição da relação sexual.

Segundo Leal (2011), o real, além de ser aquilo que se encontra excluído da cadeia de significantes, é também em torno do que ela gira, de modo a ex-sistir à cadeia simbólica. Sendo assim, o real marca um ponto de opacidade na estrutura, escapando à operação significante, de modo que não é possível dizê-lo, por mais que se tente. “É a natureza não representacional do real que acarreta a repetição, exigindo que o sujeito volte ao lugar do objeto perdido, da satisfação perdida” (Fink, 1997, p. 244).

Essa caracterização do real aponta para o objeto *a*, o qual será abordado de modos variados ao longo do ensino de Lacan, assumindo funções diversas e até mesmo paradoxais. Uma de suas facetas é a de objeto causa de desejo, fruto de uma operação lógica, a separação, sobre a qual nos deteremos no terceiro capítulo deste trabalho. O objeto *a*, enquanto causa de desejo, por ser o resto da ligação entre o sujeito e o Outro, de sua submissão à linguagem, aponta para a falta estrutural do sujeito e se aproxima de *das Ding*. No entanto, ele não equivale a esta, podendo ser entendido, de certa forma, como o seu “resto e o único índice” (Andrès, 1996, p. 85), enquanto objeto perdido. É necessário destacar que este índice não se trata de um objeto específico, mas sim, de algo referente a uma espécie de vazio ou de furo, pois “nenhum objeto é o objeto *a* e todos os objetos se apresentam como pretendentes ao seu lugar” (Garcia-Roza, 1997, p. 68). Segundo Vanier (2005),

De fato, se o objeto constantemente reencontrado em seus substitutos não é o objeto plenamente satisfatório da primeira satisfação, pode então ser compreendido não como *o que é visado* pelo desejo, mas como aquilo *que o causa*, dado que cada novo reencontro só pode tender a uma conclusão: esse objeto encontrado não é o objeto desejado. O sujeito é remetido de objeto em objeto, e o objeto *a* é o que causa o desejo, muito mais do que aquilo que ele visa. (p. 83, grifo do autor)

Desse modo, é no fracasso inerente ao encontro entre sujeito e objeto que se baseia a causa do desejo e também a repetição. No entanto, seria um equívoco igualar o desejo e a pulsão, uma vez que se trata de coisas distintas. O desejo busca a realização, enquanto a pulsão busca a satisfação.

Do lado do desejo temos um “quê” de nostalgia nessa busca pelo objeto perdido, já do lado da pulsão, o que se dá é que diante da impossibilidade de uma satisfação plena, fruto dessa plasticidade do objeto já mencionada, da inexistência de um objeto que seja adequado, a pulsão apenas o contorna, levando ao movimento incessante que lhe é característico e, conseqüentemente, engendrando a repetição.

Como já mencionado, é importante destacarmos que além dessa vertente do objeto *a*, enquanto causa de desejo, há outras possíveis, como a do objeto *a* enquanto mais-de-gozar. Nesse caso, o objeto *a* funciona como um condensador de gozo, como um suplemento do gozo perdido pelo ser falante em sua entrada no campo da linguagem. O mais-de-gozar, como veremos, aponta, simultaneamente, para um excesso e uma perda.

Rabinovich (1989/2004), ao falar sobre essa função dupla do objeto *a*, estabelece um paralelo entre o mesmo e uma dobradiça, servindo como articulação entre desejo e gozo, desejo e pulsão, ao assumir as formas de objeto causa de desejo e de mais-de-gozar. Ainda de acordo com Rabinovich (1989/2004),

Entre o objeto do desejo e o objeto da pulsão se delinea o lugar do objeto *a* em Lacan. (...) O objeto *a* apresenta uma comunidade topológica no desejo e na pulsão. O objeto *a* é, pois, sempre solidário a uma topologia que, por estrutura, recusa delimitação externo-interno, dentro-fora. Estabelece-se, pois, a especificidade da mesma em relação ao desejo e a pulsão. A dificuldade que enfrentamos se situa, portanto, no intervalo que vai intermediar o conceito de causa do desejo, em sua articulação com o desejo, e o conceito de mais-de-gozar que se inclina até a vertente da satisfação pulsional. (p. 11)

Destacada essa diferença, por ora deixaremos a questão do objeto *a* de lado e tornaremos a abordá-lo mais adiante ao tratarmos do gozo.

Outra importante leitura da repetição é através de sua articulação ao traço unário. Conforme Rinaldi (2007) aponta, Lacan elabora o conceito de traço unário a partir do *einzigster*

Zug (traço único) freudiano, formulado pelo último, em seu texto *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921/1996), ao tratar do tema da identificação. Há três tipos de identificação, segundo Freud (1921/1996): o primeiro provém do complexo de Édipo e constitui a forma original de laço emocional do sujeito com um objeto; o segundo servirá, posteriormente, para uma vinculação de objeto libidinal, resultando de uma introjeção do objeto no ego através de um traço desse mesmo objeto; o terceiro se dá em função de uma qualidade comum partilhada com alguém que não é objeto da pulsão sexual, sendo exemplificado através da identificação histórica. Interessa-nos, no momento, o segundo tipo de identificação, já que é dele que o traço unário é derivado.

Em sua abordagem do traço unário, Lacan lhe confere um caráter estrutural, uma vez que desempenha um papel central na constituição do sujeito ao funcionar como uma marca inaugural, um traço distintivo, suporte da diferença, cuja incidência promove a inserção do sujeito na cadeia simbólica. Ao apagar *das Ding*, deixando como resto alguns rastros de gozo, o traço unário funciona como significante não de uma presença e sim de uma ausência apagada (Rinaldi, 2007). A partir dessa identificação do sujeito a um traço do objeto, depreende-se que é através desse traço que se torna possível manter e perder o objeto num mesmo movimento. (Rickes, 2003)

O significante é uma invenção a partir dessa marca apagada, de modo a permitir que algo do real seja contornado (Rinaldi, 2007). O sujeito se engaja na busca de um significante que o signifique, que o defina, no entanto não irá encontrá-lo, pois um significante sempre remete a outro, “o traço unário nunca está só. Portanto, o fato de que se repita – repete-se não sendo nunca o mesmo – é precisamente a própria ordem, aquela onde toda a questão é que a linguagem esteja presente e já ali, já eficaz” (Lacan, 1970/1992, p. 147).

Por mais que o sujeito se empenhe em reconstruir o objeto com o qual ele se identificou parcialmente, sua busca está destinada a não ter fim, pois o traço unário, enquanto traço desse objeto, é o que o faz subsistir, mas também o que o mantém apagado, como já foi apontado. (Rickes, 2003)

A repetição, diferentemente da idéia de recomeço, é a denotação precisa desse traço unário, na medida em que este comemora uma irrupção de gozo. (Lacan, 1970/1992)

É no traço unário que o sujeito irá se identificar ao gozo na repetição. Há agora um empuxo de retorno ao gozo pleno. O sujeito surge do estabelecimento do S1, surgido no traço unário que traz consigo arrastado o S2, representando a perda do objeto e a marca da instalação da função significante, que é amarrado pelo simbólico sobre o real, mas é efetuado pela relação imaginária mãe-filho. O princípio do prazer começa a funcionar a partir dessa perda do gozo pleno,

marcando picos de necessidade e de satisfação, operando ora a favor da vida, ora a favor do inanimado. Mas, para poder obter o gozo perdido, o sujeito passa a agir em busca do reencontro com o objeto, por isso caminha na repetição a fim de conseguir obter aquela suposta satisfação primeira de gozo. O sujeito está agora submetido à linguagem, e precisa do saber do Outro para obter os caminhos do gozo. (Neves & Vorcaro, 2011, pp. 282-283)

Logo, o traço unário será o ponto central da repetição, pois o objetivo desta é fazer com que essa marca primitiva ressurgja, marca esta que remete ao significante em sua origem. “O significante, então, se articula por representar um sujeito junto a outro significante. É daí que partimos para dar sentido a essa repetição inaugural, na medida em que ela é repetição que visa o gozo” (Lacan, 1970/1992, p. 45).

A repetição é o próprio gozo – conceito lacaniano complexo que aprofundaremos em um dos próximos capítulos deste trabalho – o qual visa à satisfação pulsional, independentemente do princípio de prazer, como Freud já havia apontado, ao abordar a repetição. Segundo Lacan (1970/1992), o gozo nada mais é do que o caminho para morte, tratando-se de um discurso sobre o masoquismo e relacionando-se, portanto, com a pulsão de morte. Esta, por sua vez, “comporta uma dimensão histórica” (Lacan, 1960/1997, p. 256), de modo que sua tendência de retorno ao inanimado, conforme Freud a definiu, se dá em função da própria experiência de discurso.

Sendo assim, a repetição deve ser entendida, então, como um assujeitamento radical do sujeito aos efeitos do significante, pois ele estará fadado a esse movimento de uma busca incessante pelo objeto perdido.

Após discorrermos sobre a repetição, passaremos, agora, à pulsão de morte, conceito fundamental para compreender os fenômenos articulados no presente trabalho.

CAPÍTULO 2 - TEORIA DAS PULSÕES E PULSÃO DE MORTE: “A NOSSA MITOLOGIA”

O conceito de pulsão é fundamental para a psicanálise. No entanto, apesar de todos os desenvolvimentos teóricos subjacentes à obra freudiana, “ainda é algo obscuro” (Freud, 1915/1996, p. 123). Segundo Elia (1995), a pulsão é “um conceito situado nos limites do conceitualizável. É, indubitavelmente, um conceito-limite” (Elia, 1995, p. 45).

Sabe-se que a pulsão é uma força, situada entre o psíquico e o somático, cujo impacto não cessa, exigindo do aparelho psíquico um trabalho permanente a fim de reduzir ao máximo esse impacto. Em *Os Instintos e Suas Vicissitudes* (Freud, 1915/1996), encontra-se uma construção do conceito de pulsão, uma tentativa de formalizá-la, abordando sua natureza e os rumos que esta pode tomar. Segundo Freud (1915/1996):

Se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, uma ‘pulsão’ nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo. (p. 127)

Dentre as características inerentes à pulsão destacam-se sua fonte, finalidade, objeto e pressão. Como fonte entende-se o processo somático, o estímulo que se dá em alguma parte do corpo, o qual será representado por uma pulsão na vida mental. Já a finalidade sempre será a de satisfação, ainda que esta seja parcial. O objeto é aquilo que há de mais variável, podendo assumir diversas formas; é através dele que se busca atingir a finalidade. Por fim, a pressão se caracteriza pela constância, uma vez que não há como fugir, pois sua origem não é externa, e sim no próprio organismo.

Apesar da caracterização minuciosa, até onde foi possível, realizada por Freud, muitos ainda insistem em confundir o *Trieb* com instinto. O termo alemão *Trieb* foi traduzido para o português como instinto, no entanto, o uso do termo pulsão mostra-se mais adequado, visto que instinto dá a idéia de algo puramente biológico, enquanto a definição de pulsão a situa na fronteira entre o somático e o psíquico. Trata-se de conceitos um tanto ou quanto distintos em decorrência da própria caracterização da pulsão, já que esta não pode ser entendida como um padrão fixo de comportamento, mas sim como uma exigência de trabalho constante – em decorrência de sua fonte somática –, além de não possuir um objeto

específico, o qual possa satisfazê-la totalmente, não sendo algo da ordem da necessidade. Sendo assim, não há como sobrepor esses conceitos. (Elia, 1995)

Freud, à época em que escreveu o artigo supracitado, em 1915, classificava as pulsões em pulsão de auto-conservação e pulsão sexual, era o primeiro dualismo pulsional, o qual foi modificado, posteriormente, em virtude de suas observações clínicas e da repetição, para a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte – o segundo dualismo pulsional.

Em *Além do Princípio de Prazer*, 1920, alguns fenômenos como os sonhos presentes nas neuroses traumáticas, a reação terapêutica negativa e o jogo do *fort-da*, levam Freud (1920/1996) a afirmar que:

Deve-se, contudo, apontar que, estritamente falando, é incorreto falar na dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. (p.19)

Se, anteriormente, Freud afirmava que os processos mentais eram regidos, invariavelmente, pelo princípio de prazer, ao se deparar com a compulsão à repetição, reformula sua teoria, a fim de compreender esse fenômeno tão presente na clínica. Para tal, partiu de uma análise do jogo do *fort-da*, dos processos envolvidos nos sonhos relatados nos casos de neurose traumática e da reação terapêutica negativa.

Através da observação de uma brincadeira de seu neto, a qual consistia em arremessar um carretel envolvido por um cordão para longe de si e, posteriormente puxá-lo de volta, com visível expressão de satisfação – o jogo do *fort-da* – Freud questionou o porquê da repetição, na brincadeira, de uma situação que, em si, não era prazerosa e como esta repetição poderia estar de acordo com o princípio de prazer, uma vez que esse jogo se tratava de uma representação da ausência/presença da mãe, quando esta o deixava por algumas horas.

A resposta para tal pergunta foi encontrada no fato de que a repetição dessa experiência, através do brincar, ocorria porque reviver a situação de “abandono”, na qual a criança encontrava-se submetida, a partir de uma posição ativa, trazia uma satisfação em si. Outra interpretação possível é a satisfação de um desejo, por parte da criança, de se vingar da mãe, por tê-la deixado. Sendo assim, vê-se que o princípio de prazer ainda é capaz de explicar o jogo do *fort-da*, já que “mesmo sob a dominância do princípio de prazer, há maneiras e meios suficientes para tornar o que em si mesmo é desagradável num tema a ser lembrado e elaborado na mente” (Freud, 1920/1996, p. 28).

Ainda assim, apesar dessas explicações que se coadunam com o princípio de prazer, há, no jogo em questão, algo que está para além deste princípio, uma vez que a criança repetia a situação de “abandono”, a qual em nenhum momento foi sentida como prazerosa. A brincadeira se dava independentemente da existência de uma produção de prazer, visto que, muitas vezes só a primeira parte do jogo acontecia. Ela repetia a experiência desagradável enquanto tal.

Outro processo a ser analisado são os sonhos presentes nas neuroses traumáticas. Sabe-se que nesses sonhos, o paciente revive, repetidamente, a cena do seu acidente, acordando, novamente, com um susto. Visto que sonhos são realizações de desejos inconscientes, os sonhos das neuroses traumáticas levantam uma pergunta acerca de sua função, ou então, levam a uma reflexão sobre as tendências masoquistas do ego. O que se conclui das observações é que os sonhos dessa natureza se originam em função da compulsão à repetição e não do princípio de prazer.

Quanto à reação terapêutica negativa, de acordo com Leypold (2006), esta será abordada por Freud, pela primeira vez, em *O Eu e o Isso*, 1923, após ele já ter estabelecido um além do princípio de prazer, apesar de se tratar de um fato clínico há muito observado. Trata-se de uma piora no estado de alguns pacientes, após a solução de um sintoma ou algum elogio referente ao progresso feito em seu tratamento, ao contrário do que se esperava que ocorresse, pelo menos na maior parte dos casos. “Existe algo nessas pessoas que se coloca contra o seu restabelecimento, e a aproximação deste é temida como se fosse um perigo” (Freud, 1923/1996, p. 62).

Descartadas algumas formas de resistência, como a transferência negativa, o ganho obtido através do adoecimento e a inacessibilidade narcísica, percebe-se que o que está em jogo é um sentimento inconsciente de culpa, “que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento” (Freud, 1923/1996, p. 62).

Sabe-se, como Freud já havia apontado no texto de 1920, que repetimos experiências que nunca foram prazerosas, como aquelas vivenciadas à época do Édipo. É possível afirmar que essas experiências são repetidas em decorrência de uma aposta em conseguir recuperar algo, em obter uma nova chance, pois partimos do pressuposto de que o fracasso ocorrido seria culpa nossa. (Leypold, 2006)

Diante dos fenômenos expostos, fez-se necessário admitir a existência da pulsão de morte. Como explicar, então, esta pulsão?

Freud a entendia como uma tendência, natural ao organismo vivo, a voltar a um estado anterior das coisas, buscando atingir a estabilidade inerente ao estado inorgânico da

matéria. Ou seja, é a favor dessa tendência que trabalha a pulsão de morte, a qual seria anterior e, até mesmo, independente da tendência ao princípio de prazer. No entanto é importante ressaltar que as pulsões sexuais – ou pulsões de vida – continuam realizando seu trabalho numa tentativa de perpetuar a vida, promovendo, assim, sua continuidade. Também não deve ser esquecido que as duas classes de pulsões encontram-se intimamente entrelaçadas.

Em virtude dessa definição, podemos aproximar a pulsão de morte do Princípio de Nirvana, cujo objetivo é o “de reduzir a nada ou, pelo menos, de manter tão baixas quanto possível as somas de excitação que fluem sobre ele [aparelho psíquico]” (Freud, 1924/1996, p. 177). Em contrapartida, o princípio de prazer, apesar de tentar manter a homeostase, buscando evitar a tensão e o desprazer, encontra-se diretamente ligado às exigências feitas pela libido.

Como apontamos anteriormente, Lacan, ao falar da pulsão de morte, nos chama atenção para sua dimensão histórica, como consequência de sua insistência, afirmando, no seminário 7, *A Ética da Psicanálise*, que esta: “deve ser situada no âmbito histórico, uma vez que ela se articula num nível que só é definível em função da cadeia significante” (Lacan, 1960/1997, p. 258). Ou seja, graças à própria estrutura da cadeia significante, há um mais além da mesma, sendo o já mencionado movimento de retorno ao inanimado, para ele, “uma experiência de discurso” (Lacan, 1970/1992, p. 16).

Segundo ele, o modo como Freud introduz a noção de pulsão de morte pode ser entendido como “uma sublimação criacionista” (Lacan, 1960/1997, p. 260), uma vez que o que está em questão no movimento designado como uma tendência de retorno ao inanimado não é de ordem instintiva ou biológica, mas sim estrutural, pois “no nível do significante, todo o ciclo do ente (*étant*) pode ser recolocado em questão, inclusive a vida em seu movimento de perda e retorno” (Lacan, 1960/1997, p. 288, grifo do autor).

Lacan enfatiza, anos depois, em 1970, no seminário 17, que o conceito de pulsão de morte foi imposto a Freud em decorrência da experiência analítica, que nada mais é do que uma estrutura de discurso, destacando que a invenção da pulsão de morte não se deu ao se considerar o comportamento das pessoas, mas sim seus discursos. “A pulsão de morte, nós a temos aqui. Nós a temos onde algo se passa entre vocês e aquilo que digo” (Lacan, 1970/1992, p. 14).

Ela [pulsão de morte] comporta uma dimensão histórica, quanto à qual teremos que nos dar conta de seu verdadeiro alcance. Essa dimensão se marca pela insistência

com que ela se apresenta, uma vez que ela se refere a algo memorável porque memorizado. A rememoração, a historização, é coextensiva ao funcionamento da pulsão no que se chama de psiquismo humano. É igualmente lá que se grava, que entra no registro da experiência, a destruição. (Lacan, 1960/1997, p. 256)

Lacan, então, afirma que a pulsão de morte não se restringe ao já citado movimento de retorno ao inanimado, designando-a como uma “vontade de destruição direta” (Lacan, 1960/1997, p. 259). Paradoxalmente, ela também comporta uma dimensão criativa, pois, como nos mostra Avelar (2005), “embora o objetivo da pulsão de morte não seja o da produção do novo, e sim da reprodução do arcaico, seus efeitos são revolucionários, isto é, sua pressão estimula o psiquismo a criar novas organizações capazes de minimizar a intensidade da exigência pulsional” (p. 75).

Tanto a pulsão de morte, quanto a repetição, são os pontos de onde Lacan partiu para elaborar seu conceito de gozo, a ser discutido no próximo capítulo do presente trabalho.

Voltando à discussão acerca das relações entre as pulsões de morte e sexual, lançamos mão de uma explicação dada por Garcia-Roza (1987). Este autor, ao falar da pulsão de morte, faz uma analogia à noção de figura e fundo, a fim de melhor esclarecê-la. Primeiramente, é necessário compreender que figura e fundo dizem respeito a uma mesma realidade, a qual se mostra sob dois aspectos distintos – e não como realidades independentes. Segundo o autor, o mesmo acontece com as pulsões sexual e de morte. Enquanto a primeira é ruidosa e faz-se notar através de seus representantes psíquicos, a segunda é silenciosa, oculta. No entanto, a analogia não se dá no sentido de que a pulsão de morte em si é o fundo e a pulsão de vida em si a figura.

O que ocorre é justamente o contrário: num campo pulsional constituído de figura e fundo, o que é fundo, por ser silencioso, invisível e sem forma, é chamado de pulsão de morte; enquanto que a figura, por ser diferenciada, por apresentar uma forma, é chamada pulsão de vida. Não existem duas pulsões ontologicamente distintas, uma se apresentando sempre como fundo e outra como figura, mas sim um campo constituído por corpos-forças, no interior do qual o que é figura é chamado de pulsão sexual, e o que é fundo é chamado de pulsão de morte. (Garcia-Roza, 1987, p. 71)

A discussão acerca da pulsão ainda encontra-se em aberto, havendo muito a ser estudado neste campo. O comentário de Freud, na *Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual* (1932), continua sendo pertinente, ainda hoje:

É meu intento mostrar-lhes, hoje, também a área da teoria da libido, ou teoria das pulsões, onde tem havido igualmente numerosos desenvolvimentos recentes. Não

proclamarei que nela tenhamos feito grandes avanços, de modo que os senhores, tranquilamente, podem poupar-se a qualquer preocupação de aprender acerca dessas teorias. Não. Esta é uma região na qual estamos lutando com afinco no sentido de encontrar nosso rumo e fazer descobertas; os senhores apenas serão testemunhas de nossos esforços. Aqui, também, devo retornar a algumas coisas de que lhes falei anteriormente. A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficos em sua imprecisão. Em nosso trabalho, não podemos desprezá-las nem por um só momento, de vez que nunca estamos seguros de as estarmos vendo claramente. (pp. 97-98)

Após a exposição realizada sobre a repetição e a pulsão de morte, é possível adentrarmos na articulação acerca do conceito laciano de gozo, uma vez que este é uma consequência dos dois conceitos anteriores.

CAPÍTULO 3 – GOZO

O gozo foi conceituado ao longo do ensino de Lacan. No entanto, Freud, no decorrer de sua obra e em função de suas observações clínicas, ao considerar fenômenos como a satisfação paradoxal obtida através do sintoma, a repetição e o mais além do princípio de prazer, já sinalizava sua existência.

O conceito de gozo sofreu inúmeras modificações com o passar dos anos, no decorrer dos seminários de Lacan. Podemos afirmar que uma de suas maiores contribuições à psicanálise, foi, sem dúvida, demonstrar a importância do gozo no funcionamento psíquico e na dinâmica do tratamento. Segundo ele, “no que diz respeito ao campo do gozo – é uma pena, jamais será chamado lacaniano, pois certamente não vou ter mais tempo sequer para esboçar suas bases, mas almejei isto” (Lacan, 1970/1992, p. 77). Através de sua afirmação, é possível concluir que o campo do gozo ainda encontra-se em aberto, havendo a necessidade de mais estudos e elaborações teóricas a fim de melhor esclarecê-lo, contribuindo, assim, para lidarmos com os impasses enfrentados na clínica atualmente.

O presente capítulo tem como objetivo expor o conceito de gozo, o qual, como já mencionado, foi abordado de maneiras distintas ao longo do ensino de Lacan, que irá falar em diferentes modalidades de gozo, como o gozo fálico, o gozo do Outro, o mais-de-gozar e o gozo feminino.

O gozo fálico ($J(\phi)$) encontra-se relacionado à linguagem e à Lei, adquirindo sua significação fálica no complexo de Édipo. Como consequência de sua ligação com a linguagem, está presente nas formações do inconsciente como sonhos, chistes, lapsos e atos falhos, retirando daí satisfação. Em contrapartida, o gozo do Outro ($J(A/)$), definido como gozo do corpo-próprio, não possui inscrição fálica, estando fora do simbólico. Já o mais-de-gozar, função homóloga à mais-valia marxista, está diretamente relacionado ao objeto a , sendo um suplemento, um resto de gozo que se produz no processo de significância, apontando ao mesmo tempo para uma perda e para um excesso. Por fim, há o gozo feminino, enigmático, fora da linguagem, para além do simbólico, tratando-se de um gozo suplementar ao gozo fálico. (Valas, 2001)

Como este trabalho visa efetuar uma articulação entre o gozo e os conceitos abordados nos capítulos anteriores – repetição e pulsão de morte –, dando destaque à satisfação pulsional, a essa satisfação que o sujeito obtém através daquilo que lhe é prejudicial, do que lhe faz mal, mas da qual não consegue abrir mão, vamos nos deter na

modalidade de gozo referente ao mais-de-gozar, ligado ao objeto *a*, até porque, devido à complexidade intrínseca ao campo do gozo, seria inviável nos aprofundarmos em cada um dos tipos de gozo mencionados. Para tanto, tomaremos como base os seminários 11, 16 e 17 de Lacan.

No seminário 11, *Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*, Lacan põe em cena “um gozo fragmentado em objetos pequeno *a*” (Miller, 2000, p. 93), objeto este resultante das operações lógicas de alienação e separação, que esclarecem o modo como se estabelece a relação entre o gozo e o inconsciente, o qual é descrito, neste seminário, à semelhança de uma borda que se abre e fecha, fazendo alusão às zonas erógenas (Lacan, 1964/1988; Miller, 2000).

De modo a explicar o aparecimento do objeto *a*, iremos discorrer, brevemente, sobre as operações de alienação e separação.

A alienação diz respeito à constituição do sujeito, para quem o Outro é imprescindível, uma vez que este “é o lugar em que se situa a cadeia significativa que comanda tudo que vai poder presentificar-se no sujeito” (Lacan, 1964/1988, pp. 193-194). Sabe-se que o sujeito antes mesmo de nascer é falado, de modo que surge, primeiramente, no campo do Outro, sendo representado por um significante para um outro significante, uma vez que um significante não pode significar a si mesmo. Como consequência dessa alienação do sujeito ao significante e da impossibilidade deste representá-lo como um todo, deixando de fora da representação uma parte do sujeito, ocorre seu desaparecimento ou desvanecimento, conhecido como *afânise* ou *fading*.

Este fenômeno, de acordo com Lacan (1964/1988), pode ser explicado através do termo *vel*³, cujo significado é *ou*, no sentido de um *nem um, nem outro*, que pode ser designado como inerente a esta operação, levando à divisão do sujeito, o qual surge, de um lado, como sentido – no campo do Outro – e de outro como *afânise*, como ilustra a figura abaixo. Segundo Laurent (1997), existe “um resto que define o ser sexualmente definido do sujeito. (...) O caráter fundamentalmente parcial das pulsões introduz uma falta, que Lacan designa marcando o sujeito com uma barra (\$)” (Laurent, 1997, p. 37).

³ Termo originário do latim.

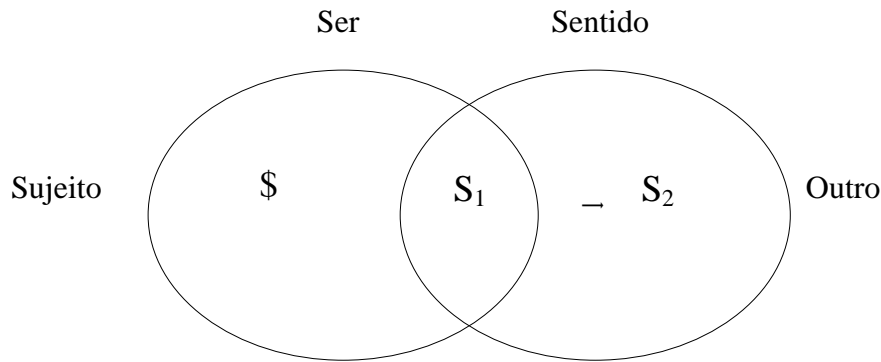


Figura 1. Alienação.

A separação, por sua vez, ocorre quando o sujeito alienado ao significante se dá conta de que há uma falta no Outro e passa a se questionar sobre o que esse Outro⁴ quer dele, para além do que lhe é dito. “O desejo do Outro é apreendido pelo sujeito naquilo que não cola, nas faltas do discurso do Outro” (Lacan, 1964/1988, p. 203), sendo nesse momento, em que o sujeito se depara com o desejo do Outro, que se torna possível a constituição de seu próprio desejo. Mais uma vez recorremos a uma figura a fim de melhor ilustrar a operação em questão.

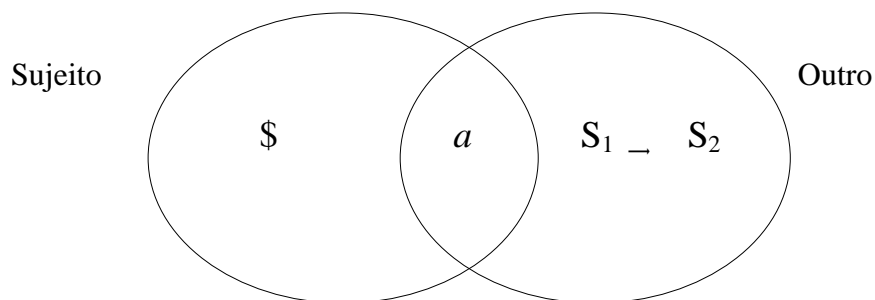


Figura 2. Separação.

Como se vê acima, e como já mencionado anteriormente, o sujeito não pode ser representado como um todo no campo do Outro, havendo sempre um resto. Além disso, faz-se necessária a presença de, no mínimo, dois significantes para que haja a possibilidade de algo ser representado no campo do Outro. O que surge para encobrir essas duas faltas é um

⁴ Vale lembrar que para a criança, de um modo geral, quem encarna esse Outro é a mãe, assumindo tanto o lugar de Outro, como do outro (semelhante).

vazio, no lugar em que o objeto a , também conhecido como objeto causa de desejo, se instala, como resultado da interseção entre os conjuntos – campo do sujeito e campo do Outro. Lacan relaciona esse ponto de falta ao desejo do sujeito e aponta para “a dialética dos objetos do desejo, no que ela faz a junção do desejo do sujeito com o desejo do Outro” (Lacan, 1964/1988, p. 203).

Depreende-se, então, dessa função de causa de desejo do objeto a – a qual, em sua relação com o sujeito, nos remete à fórmula da fantasia $\$ \diamond a -$, que ele “de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto” (Lacan, 1964/1988, p. 170). Conseqüentemente, são inúmeras as formas que esse objeto pode assumir, sendo destacados por Lacan (1964/1988) os seios, as fezes, o olhar e a voz. Outro aspecto importante diz respeito ao movimento da pulsão, a qual contorna esse objeto, para “buscar satisfação no nível das zonas erógenas, onde se refugiou parte de gozo corporal que escapou ao domínio do significante” (Valas, 2001, p. 70) – engendrando, como apontamos no primeiro capítulo desse projeto, a repetição, uma vez que o encontro com o objeto e a satisfação pulsional plenos são impossíveis de serem alcançados, levando a uma busca incessante por essa satisfação, conforme podemos ver na figura abaixo.

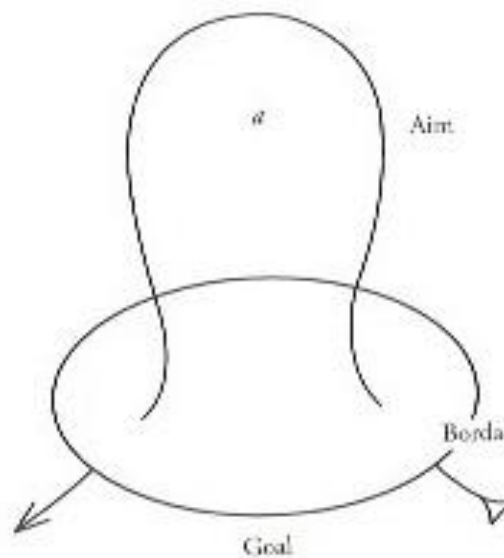


Figura 3. Circuito em flecha da pulsão.

Desse modo, faz-se necessário lembrar, mais uma vez, que o objeto *a* assume, para além de sua função de causa de desejo, a função de um objeto capaz de condensar o gozo, conforme veremos adiante.

Esses objetos pulsionais aparecem como uma tentativa de reparação, de preenchimento da perda de vida acarretada pela inserção do sujeito na linguagem, havendo, nesse movimento, uma perda de gozo, representado pelo objeto *a*, o qual é entendido, aqui, como um elemento de *das Ding*, não sendo equivalente a esta, mas sim a uma pequena instância, ao seu índice. Um aspecto importante a ser destacado é o fato desse objeto não fazer parte do sujeito, nem do Outro e, ainda que aponte para uma significantização do gozo, não se trata de um significante. (Miller, 2000)

Em seu seminário 16, intitulado *De um Outro ao outro*, Lacan introduz o conceito de mais-de-gozar a partir de uma homologia ao conceito marxista de mais-valia, referente a um excedente gerado através do trabalho e que é apropriado pelo capitalista através do lucro, movendo o sistema. Logo, subentende-se que o mais-de-gozar aponta para uma função do objeto *a* em que há tanto uma perda de gozo, quanto um gozo a mais, a ser recuperado, tratando-se de um “suplemento da perda de gozo” (Miller, 2000, p. 99).

Faz-se necessário compreendermos duas coisas acerca do mais-de-gozar: que este não deve ser confundido nem com o objeto *a*, nem com o gozo, pois “é uma função, o mais-de-gozar não é somente o objeto *a*, o objeto *a* pode captar o mais-de-gozar através de suas quatro formas tradicionais: voz, olhar, fezes e peito” (Rabinovich, 1989/2004, p. 21) e, além disso, “é diferente do gozo. O mais-de-gozar é aquilo que corresponde não ao gozo, mas à perda do gozo” (Lacan, 1969/2008, p. 114).

Conforme apontado por Valas (2001), para dar continuidade à discussão referente ao conceito de mais-de-gozar, Lacan lançou mão da elaboração dos quatro discursos⁵ como modo de fazer laço social, ao longo do seminário seguinte, *O Avesso da Psicanálise*. Segundo Miller (2000), esses discursos nada mais são do que as operações lógicas de alienação e separação unificadas, já trabalhadas neste capítulo. Para elaborar esses discursos, Lacan utilizou-se da máxima: “o significante (S_1) representa o sujeito (\$) para um outro significante (S_2). Nessa operação, produz-se um resto, o objeto *a*” (Valas, 2001, p. 72).

Vale lembrar que cada um desses quatro elementos gira e ocupa lugares distintos em cada um dos discursos mencionados. Há uma radicalidade no que diz respeito aos discursos, em função do modo como se estabelecem as ligações significantes, que aponta para uma

⁵ Discursos do mestre, da histórica, universitário e do analista.

impossibilidade, sendo isto o que se encontra “na raiz do que é um fato de estrutura. E é isto, na estrutura, o que nos interessa no nível da experiência analítica” (Lacan, 1970/1992, p. 43).

No seminário 17 há uma ênfase na repetição, enquanto repetição de gozo, em função da mudança que se opera com a noção de discurso, a saber, que a relação entre o significante e o gozo seria primitiva, situando-se na origem, tal qual a relação entre o significante e o sujeito, de modo que o significante faz surgir, de um corpo afetado pelo gozo, o sujeito do gozo⁶. Trata-se, portanto, de um retorno ao corpo. Lacan também afirma que o que é veiculado na cadeia significante é o gozo, o qual, ainda que interdito, pode ser dito nas entrelinhas, através do deslizamento metonímico da cadeia. (Miller, 2000)

Essa ligação íntima entre gozo e repetição, sendo a última um movimento de retorno do primeiro, aponta para algo da ordem de uma perda, como indicado ao longo dessa dissertação. Pergunta-se o que é perdido e como resposta vê-se que é o gozo, pois no momento em que o sujeito aparece, nesse movimento que ocorre entre S_1 – S_2 , como subsumido à linguagem, é que surge o objeto a , o qual Freud chama de objeto perdido mas que não se equivalem, pois, como já apontamos anteriormente nesse trabalho, o objeto a é objeto causa de desejo, enquanto o objeto perdido é *das Ding*, do qual o objeto a é apenas um índice, sendo possível designar *das Ding* como a “dimensão real do objeto a ” (Jorge, 2008, p. 140). Como consequência, o traço unário (S_1) se impõe, de modo que ao trabalhar, o saber acaba por produzir o que Lacan (1970/1992) chama de entropia⁷,

de fato, é apenas nesse efeito de entropia, nesse desperdiçamento, que o gozo se apresenta, adquire um status. Eis porque o introduzi de início com o termo *Mehrlust*, mais-de-gozar. É justamente por ser apreendido na dimensão da perda – alguma coisa é necessária para compensar, por assim dizer, aquilo que de início é número negativo – que não-sei-quê, que veio bater, ressoar nas paredes do sino, fez gozo, e gozo a repetir. Só a dimensão da entropia dá corpo ao seguinte – há um mais-de-gozar a recuperar. (pp. 47-48)

Uma questão importante a ser pensada são as consequências decorrentes dos conceitos abordados para o dispositivo analítico. A fim de realizar tal intento, optamos por trabalhar os aspectos referentes à nossa prática através da transferência, devido a sua íntima relação com a repetição e também porque, como apontamos no primeiro capítulo, muitas vezes esses conceitos parecem se confundir sob a pena de Freud.

⁶ Não há sujeito do gozo, pois no gozo o sujeito se abole, algo goza no sujeito. No entanto, Miller utiliza esse termo. No trecho acima, o autor efetua a substituição do termo sujeito por gozo na fórmula lacaniana “um significante representa um sujeito para outro significante”.

⁷ Conceito da física referente à segunda lei termodinâmica, a qual diz respeito à mensuração da parcela de energia perdida em uma transformação termodinâmica, não podendo ser convertida em trabalho.

CAPÍTULO 4 - TRANSFERÊNCIA, REPETIÇÃO E GOZO: JUNÇÕES, DISJUNÇÕES E INTERSECÇÕES

4.1. Junções, Disjunções e Intersecções

O fenômeno da transferência é um conceito central na psicanálise, sendo um assunto que dá margem a uma ampla discussão e sobre o qual Freud discorreu inúmeras vezes durante sua obra, sendo seguido por Lacan, que a alçou a um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Trata-se de uma ferramenta indispensável ao tratamento analítico, sem o qual este não seria possível.

Devido a sua importância teórica e a sua pertinência para a discussão que empreendemos neste trabalho, efetuaremos, no presente capítulo, uma exposição do que é a transferência, estabeleceremos as relações existentes entre esta e a repetição, bem como as diferenças existentes entre as mesmas, uma vez que, como já mencionado anteriormente, se tratam de conceitos distintos, os quais não devem ser confundidos. Para tanto, assim como nos capítulos anteriores, partiremos das elaborações freudianas, mas sempre lançando mão do ensino de Lacan, através do qual foi possível avançar no que concerne aos aspectos aqui colocados em questão.

Além disso, acreditamos que ao seguir esse caminho, algo sobre a questão principal desse trabalho – a saber, como é possível, em uma análise, modificar a relação do sujeito com seu gozo, que imputa tantas dificuldades ao tratamento – possa ser mais bem esclarecida.

Freud observou, em sua clínica, a insistência de um fenômeno, no qual o paciente realiza um investimento afetivo em direção ao analista. Percebeu, também, não se tratar de uma ocorrência meramente casual, concluindo que o que estava em jogo era algo vinculado à natureza da neurose. De acordo com suas formulações:

Esse novo fato que, portanto, admitimos com tanta relutância, conhecemos como *transferência*. Com isso queremos dizer uma transferência de sentimentos à pessoa do médico, de vez que não acreditamos poder a situação no tratamento justificar o desenvolvimento de tais sentimentos. Pelo contrário, suspeitamos que toda a presteza com que esses sentimentos se manifestam deriva de algum outro lugar, que eles já estavam preparados no paciente e, com a oportunidade ensejada pelo tratamento analítico, são transferidos para a pessoa do médico. (Freud, 1917/1996, p. 443)

A transferência pode ser entendida como uma forma particular com que o paciente se dirige a seu analista, como a maneira que ele realiza um investimento libidinal a este, dentro da rede de pessoas com quem estabelece laços importantes.

Segundo Freud (1912/1996), cada um de nós possui um jeito próprio de se conduzir na vida erótica – o qual seria resultante de predisposições inatas e de influências sofridas na infância – sendo, este jeito próprio, comparado, pelo autor, a um clichê estereotípico, sempre reimpresso, ocorrendo repetidamente, ao longo da vida do indivíduo. Sendo assim, no decorrer da análise, o analista será incluído em uma das séries psíquicas formadas pelo paciente. Já é possível notarmos nessa descrição o modo como o autor relaciona a transferência com a repetição, a qual ele ainda sequer havia conceituado, à época desse texto. Discorreremos sobre esse aspecto mais adiante, continuando agora com nossa exposição sobre o conceito de transferência.

É sabido que a transferência é uma tendência do paciente, em decorrência da neurose, e não da análise. No entanto, como Quinet (1996) nos indica, ainda que não esteja condicionada à presença do analista, sendo uma função do analisante, cabe ao analista colocá-la em movimento no dispositivo analítico, uma vez que “a transferência é um fenômeno em que estão incluídos, juntos, o sujeito e o psicanalista” (Lacan, 1964/1988, p. 219). Maurano (2006) afirma que o analisante irá atribuir ao seu analista certas posições correspondentes às encontradas em figuras primordiais para ele desde o princípio de sua existência. Conseqüentemente se faz necessário que surja um traço, através do qual o analista poderá ser identificado como uma pessoa do passado.

Lacan (1958/1998, 1964/1988) condiciona a transferência ao sujeito suposto saber, cuja função é possibilitar que o analisante se engaje na tarefa analítica, uma vez que o analista é colocado no lugar do Outro, no lugar daquele que sabe algo acerca do significado oculto em seu sintoma, ainda que, a princípio, ele nada saiba. Segundo Quinet (1996), Lacan indica que no movimento de escolha do analista, quando um significante do sujeito se liga a um significante qualquer desse, se dá como efeito um sujeito, correlato à suposição de saber inconsciente, a saber, sujeito da associação-livre, fruto dessa articulação, dessa transferência significativa. Ou seja, a partir daí o analisante, enquanto sujeito dividido (\$) se engaja numa busca pela verdade oculta em sua fala, possibilitando que algo da ordem do saber possa vir a ser construído no decorrer da análise, marcando, desse modo, o início da mesma e o fim das chamadas entrevistas preliminares.

Através desse movimento, cujo ponto de partida é o sujeito suposto saber, delinea-se o desejo inconsciente, sobre o qual se supõe que o analista algo saiba, pois é o desejo que se encontra por trás de toda demanda do paciente, sob efeito transferencial, uma vez que todo desejo é, na verdade, desejo do Outro. Sabe-se que a demanda veicula o desejo, mas não se confunde com esse. A relação estabelecida entre eles é consequência do nosso assujeitamento ao campo da linguagem, já que é através dos significantes expressos na demanda que o desejo pode ser vislumbrado. (Lacan, 1964/1988)

A dimensão do amor presente na transferência nada mais é do que um efeito desse estabelecimento do sujeito suposto saber. Lacan irá trabalhar o amor, no seminário 11, no que concerne ao domínio da tapeação, instaurado na tentativa realizada de convencer o outro de que ele possui aquilo que falta para nos completar, de modo que se possa continuar escamoteando a falta, com intuito de velar a castração. Depreende-se daí o surgimento da resistência, posto que “aquilo que surge no efeito da transferência se opõe à revelação” (Lacan, 1964/1988, p. 239). A posição paradoxal em que o analista se situa, em decorrência do fato de precisar esperar a transferência para só então começar a dar a interpretação, ainda que saiba que ela fecha o sujeito à mesma, é consequência disso, pois a “transferência é o meio pelo qual se interrompe a comunicação do inconsciente, pelo qual o inconsciente se torna a fechar” (Lacan, 1964/1988, p. 125). Vale frisar que a interpretação não é algo que se encontra dado a priori, estando diretamente relacionada com a escuta do analista. Lacan (1958/1998) afirma que, assim como o paciente, o analista também paga e, uma dessas formas de pagamento, é com a sua palavra, pois como consequência da transferência, elas sofrem uma transformação, sendo ouvidas a partir do lugar do Outro.

Freud ao abordar as dimensões da transferência e da resistência, ressaltava ser a transferência o motor da análise, a força que impulsiona o tratamento, sendo, portanto, um instrumento na mão do psicanalista e trazendo, em sua outra face, uma relação intrínseca com a resistência:

a transferência, no tratamento analítico, invariavelmente nos aparece, desde o início, como a arma mais forte da resistência, e podemos concluir que a intensidade e persistência da transferência constituem efeito e expressão da resistência. Ocupamo-nos do *mecanismo* da transferência, é verdade, quando o remontamos ao estado de prontidão da libido, que conservou imagos infantis, mas o papel que a transferência desempenha no tratamento só pode ser explicado se entrarmos na consideração de suas relações com as resistências.” (Freud, 1912/1996, pp. 115-116)

Freud (1912/1996) nos alerta para o fato de que a maior dificuldade enfrentada pelo psicanalista está no manejo da transferência; no entanto destaca o fato de serem, justamente, os fenômenos transferenciais que revelam os impulsos eróticos esquecidos pelo paciente e que, até então, estavam ocultos. O que acontece, no processo de análise, é que, nos momentos em que se chega perto de um complexo patogênico, este irá utilizar-se de sua parte capaz de estabelecer um laço transferencial como meio de servir à resistência. Freud (1912/1996) afirma que:

A libido (inteiramente ou em parte) entrou num curso regressivo e reviveu as imagens infantis do indivíduo. O tratamento analítico então passa a segui-la; ele procura rastrear a libido, torná-la acessível à consciência e, enfim, útil à realidade. No ponto em que as investigações da análise se deparam com a libido retirada em seu esconderijo, está fadado a irromper um combate; todas as forças que fizeram a libido regredir se erguerão como 'resistências' ao trabalho da análise, a fim de conservar o novo estado de coisas. (p. 114)

Em uma de suas conferências, datada de 1917, cujo tema é a transferência, Freud aborda a neurose de transferência. Nesta, a energia que, até então, alimentava o sintoma do sujeito neurótico, passa a se concentrar sobre a figura do analista. Quando isto ocorre, o trabalho realizado em função das recordações do paciente é colocado em suspenso e o analista, ao invés de se ocupar da doença anterior do mesmo, passa a se ocupar dessa “nova” neurose, a qual passa a ser o foco do tratamento. Ou seja, os sintomas apresentados pelo paciente assumem uma nova forma que diz respeito à transferência, abandonando seu significado original; ou então, tais sintomas só persistem devido à sua capacidade de sofrer este tipo de transformação.

Desse modo, entende-se que os conflitos serão solucionados através da resolução da própria transferência, a qual será desmontada ao longo do tratamento, liberando a libido de seus pontos de fixação e permitindo que esta fique livre para se ligar a vários outros objetos. (Maurano, 2006)

No entanto, para Freud, à essa época, a transferência somente seria superada ao mostrar para o paciente que os sentimentos que ele nutre pelo seu analista são uma repetição de algo que lhe acontecera antes e que não dizem respeito à situação atual, nem a seu analista, de fato. No entanto, o fato do paciente ver a repetição não é o suficiente para fazer com que a mesma cesse ou se dissipe, pois, como sabemos, há aí uma satisfação, a qual aponta para o gozo.

Diferentemente da concepção freudiana, Lacan não aborda o amor de transferência sob um questionamento referente à sua veracidade, mas sim nos termos referentes à presença do analista como intrínseca ao conceito de inconsciente, sendo essa presença “ela própria uma manifestação do inconsciente” (Lacan, 1964/1988, p. 121), cuja realidade é a realidade sexual e da qual temos notícias graças, justamente, à transferência, pois é ela “que manifesta na experiência a atualização da realidade do inconsciente, no que ela é sexualidade” (Lacan, 1964/1988, p. 165).

No seminário 8 (1961/1992), dedicado à transferência, Lacan trabalha através do *Banquete*, de Platão, centrando a discussão na dimensão do amor e nos dando várias indicações sobre a questão. Não entraremos em maiores detalhes sobre o referido Seminário, de modo a não fugirmos ao nosso objetivo, detendo-nos, principalmente, no ponto referente ao objeto *agalma*, que nos é apresentado através da cena que ocorre entre Sócrates e Alcebiades, o qual supõe que o primeiro seja portador desse objeto precioso, objeto cuja importância é indiscutível, uma vez que se encontra por trás do que causa o desejo. Que objeto seria esse senão um prenúncio do que posteriormente Lacan formularia como sendo o objeto *a*?

Ainda nesse Seminário, a transferência é exposta como algo semelhante ao amor, como algo que o põe em causa, de modo que, ao se deparar com aquilo que lhe falta e acreditar que o analista possa supri-la através do amor – como vimos na dimensão do amor enquanto tapeação –, o analisante irá se deparar com o seu desejo (Lacan, 1961/1992). “É no tempo, definido no duplo sentido cronológico e topológico, da eclosão do amor de transferência que se deve ler essa inversão que, da busca de um bem, faz a realização de um desejo”. (Lacan, 1961/1992, p. 71)

O objeto *a*, sobre o qual nos debruçamos no capítulo anterior, assume uma posição central no presente trabalho, por ser o eixo que vem servindo como norte para toda discussão empreendida até aqui acerca dos conceitos sobre os quais nos propusemos a trabalhar.

Lacan (1970/1992), ao falar sobre a posição do psicanalista a articula com o objeto *a*, o qual “designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e no entanto essencial. Trata-se do efeito de discurso que é feito de rechaço” (p. 40).

Além disso, é esse mesmo objeto que ocupa o lugar de agente, ordenando o discurso do analista, que se escreve da seguinte forma:

$$\frac{a}{S_2} - \frac{\$}{S_1}$$

No que diz respeito às funções próprias do discurso, no seminário 17, em que Lacan se dedica aos quatro discursos – já mencionados no capítulo anterior – encontramos sua formulação, designada logo abaixo. Já em relação aos elementos, temos S_1 como significante-mestre, S_2 enquanto saber, a como mais-de-gozar e $\$$ representando o sujeito.

$$\frac{\text{desejo}}{\text{verdade}} - \frac{\text{Outro}}{\text{produção}}$$

Desse modo, o analista ao ocupar o lugar do objeto a , disso que para o sujeito é a causa de seu desejo e que, ao mesmo tempo, é o resto produzido nas operações de alienação e separação, permite que o analisante se engaje numa busca guiada pelo desejo de saber. Os psicanalistas, “eles próprios são esse dejetivo presidindo à operação da tarefa, que eles são olhar, são a voz. É enquanto são, em si, o suporte desse objeto a que toda operação é possível.” (Lacan, 1967-68, 7/2/68)

A operação psicanalítica, cujo campo é o do discurso, permite a emergência da verdade no real, real este que, assim como se constitui a partir da fala, é por ela recortado. Esse corte se dá graças à ação do significante que cria uma divisão e instaura uma perda, perda essa, de gozo. No ato do analista, o analisante irá emergir como sujeito dividido ($\$$), pois ele é consequência do discurso do analista, sendo efeito do significante, sem o qual o sujeito sequer se constitui, apesar do significante não poder defini-lo como um todo, pois há sempre algo que escapa.

O objeto a pode ser entendido como algo que funciona como o termo médio entre psicanalisante e psicanalista, tratando-se de um efeito do discurso do sujeito em análise. É preciso entender que o psicanalista não se torna o objeto a , mas este

está, de início, implicado por toda a operação como o que deve ser o saldo da operação psicanalisante, como o que libera o que é uma verdade fundamental; o fim da análise é, a saber, a inigualdade do sujeito a toda a subjetivação possível de sua realidade sexual e a exigência de que, para que esta verdade apareça, o psicanalista já seja a representação do que mascara, obtura, tampona essa verdade, e que se chama o objeto “ a ”. (Lacan, 1967-68, 7/2/68)

Lacan nos mostra, no seminário 16, que saber e verdade estão em uma relação de corte, há aí um ponto de opacidade, devido ao fato do saber estar do lado do objeto, ele já se encontra perdido. “Sabemos que, em algum lugar, nesse lugar que chamamos de inconsciente, enuncia-se uma verdade que tem a propriedade de nada podermos saber dela. Esse próprio fato constitui um saber” (Lacan, 1969/2008, p. 198).

É a função do objeto perdido o que permite estabelecermos a relação entre repetição, gozo e saber, pois, segundo Lacan (1970/1992) “é de uma articulação lógica que se trata na fórmula pela qual o saber é o gozo do Outro. Do Outro, obviamente, na medida em que o faz surgir como campo – posto que não há nenhum Outro – a intervenção do significante” (p. 13).

A relação existente entre saber e gozo – logo com a repetição, a qual Lacan entende como um retorno do gozo – seria primitiva, de modo que o primeiro atuaria como um limite ao segundo, como apontamos no capítulo III.

Da tão conhecida fórmula que diz que o significante se articula por representar um sujeito junto a outro significante é que se extrai essa repetição inaugural, uma vez que aquilo que essa repetição visa é o gozo. Segundo Miller (2000), no seminário 17, quando Lacan fala em saber, é possível ler esse saber como significante e que a cadeia significante irá veicular, portanto, o gozo.

Desse modo, sendo o saber meio de gozo, o qual ultrapassa os limites impostos ao princípio do prazer, sua raiz se encontra na repetição e sob a forma do traço unário. No entanto, para além dessa dimensão do excesso, a repetição introduz uma perda, a saber, o objeto *a*, apontando para o fato de que, ao trabalhar, o saber produz uma entropia, sobre a qual falamos em um momento anterior neste trabalho. (Lacan, 1970/1992)

A repetição é inerente à definição do inconsciente e deve ser pensada como a insistência da cadeia significante (Valas, 2001). A transferência, em contrapartida, é trabalhada como aquela que manifesta na experiência a atualização da realidade do inconsciente. Como consequência disso e de outras características, tanto da repetição, quanto da transferência, é possível percebermos a existência de pontos de conjunção, disjunção e intersecção, os quais tivemos o cuidado de explicitar.

Lacan (1964/1988) nos mostra que a confusão recorrente entre esses conceitos ocorre em função da repetição ter sido descoberta por Freud através da transferência. Outro aspecto que contribui para isso é que a repetição surge na análise de um modo velado, graças a essa identificação entre repetição e transferência na conceitualização de um grupo

de analistas, o qual Lacan critica, enfatizando a necessidade de diferenciá-las. (Lacan, 1964/1988). É importante termos claro, como já enfatizamos que se trata de conceitos distintos, mas articulados, pois surgem em função de um dado estrutural do sujeito, a saber, a falta que lhe é inerente.

A repetição como vimos, nada mais é do que uma busca pelo objeto perdido, um eterno retorno malfadado, empreendido pela pulsão que sempre o contorna em busca de satisfação, porém sem nunca obtê-la plenamente, denotando, de acordo com Lacan (1964/1988), um caráter de circularidade ao movimento pulsional.

Já na transferência, a emergência do amor e a instituição do sujeito suposto saber são frutos do *agalma*, do objeto causa de desejo, agente no discurso do analista, lugar o qual este deve ocupar, a fim de fazer girar o motor da análise. Lacan destaca a importância em percebermos que há uma diferença entre objeto causa de desejo e objeto de desejo, pois é isso “o que faz da transferência algo de bem diferente de um objeto já lá, de algum modo inscrito em tudo o que irá produzir, pura e simples repetição de algo que, desde antes, já estaria apenas esperando para se exprimir aí, em lugar de ser produzido por seu efeito retroativo” (Lacan, 1967-1968, 21/2/68).

Objeto perdido, objeto causa de desejo e *agalma* são todas funções desempenhadas pelo objeto *a*, objeto este que, como Lacan fez questão de descrever, “de fato é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não importa que objeto, e cuja instância só conhecemos na forma de objeto perdido, *a* minúsculo” (Lacan, 1964/1988, p.170).

Retornamos então a questão principal em que nos perguntamos sobre qual o caminho possível em uma análise diante da repetição e do gozo, fenômenos decorrentes da própria estrutura, cuja força e insistência não se deixam esmorecer facilmente.

“Quem está num divã percebe que ela [elaboração analítica] consiste em voltar o tempo todo à mesma coisa, que em todas as viradas se é levado ao mesmo troço, e isso precisa durar, para chegar justamente ao que lhes expliquei, ao limite, ao término, quando se vai pelo caminho certo, naturalmente.” (Lacan, 1969/2008, p. 161)

A fim de que seja possível aceder à verdade, um ato é necessário, de modo a nos retirar da impotência a que somos conduzidos em função dessa perda de gozo. Desse modo, os pontos de gozo, aquilo que permanece inalisável no sintoma, será denunciado através do ato analítico, o qual irá permitir que o sujeito possa romper com um movimento

interminável na análise de atribuir significado a tudo, “gozando do significante”. (Miranda, 1997, p. 102)

Ainda de acordo com Miranda,

O ato analítico, intervenção do analista, vai em direção à pulsão, acéfala, irreduzível, sem sentido nem endereçamento, pois em seu circuito, seu ir e vir, se satisfaz na borda. Utilizando-se da natureza do sintoma para alcançar o real, o ato do analista promove no mais além da interpretação significante a separação do objeto *a*. (Miranda, 1997, pp. 102-103)

Ao se chegar ao desfecho de uma análise, o \$, um dos elementos da fórmula da fantasia ($\$ \diamond a$), não é destituído, sendo elucidada a lógica em que esse \$ se articula ao objeto *a*, ou seja, através de uma construção de sua fantasia, o sujeito consegue perceber quais as relações particulares que ele estabelece com o objeto. “A castração não é eliminável, é real e impossível de ser evitada; ao aceder a isso o sujeito passa da impotência à impossibilidade.” (Miranda, 1997, p. 104)

Além da aposta do analista, frente ao limite intrínseco à experiência, é preciso um sujeito implicado no trabalho de elaboração. É essa implicação que definirá até onde uma análise poderá caminhar.

4.2. Um pouco da Clínica

A título de exemplo, optamos por citar dois casos, sendo um deles referente a um atendimento realizado por mim, à época de meu estágio no Centro de Psicologia Aplicada (CPA) da Universidade Federal de Juiz de Fora, e o outro relatado por Rabinovich em seu livro *Clínica da Pulsão – As Impulsões* (1989/2004).

No primeiro caso trata-se de um paciente, o qual procurara atendimento para tratar de seu vício em jogos. Esse, por sua vez, já havia sofrido de alcoolismo anteriormente e acreditava ter trocado um vício pelo outro, pois se antes bebia excessivamente, agora jogava todo o dinheiro que tinha, “até perder tudo”. Falava de um grande sofrimento, em consequência de seu problema, mas trazia uma expressão que denotava certo prazer ao dizer que “perdia tudo apostando na maquininha”.

Ao ser questionado sobre o que acontecia, L. falava de uma estranheza, pois sua necessidade de jogar era algo que ele não conseguia entender ou controlar, repetindo, ao longo do atendimento: “parece uma sina”. O paciente logo interrompeu o tratamento.

Apesar do pouco contato com L., seu caso ilustra alguns aspectos referentes à repetição e ao gozo discutidos ao longo desta pesquisa. É possível percebermos pontos cruciais nele, como, por exemplo, o caráter de circularidade do movimento da pulsão, contornando o objeto em busca de satisfação e a insistência da mesma, bem como o fato de que “qualquer” objeto pode ocupar o lugar de objeto *a* – quando o paciente diz acreditar que trocou um vício pelo outro e que não consegue parar de jogar –; sua força demoníaca e o assujeitamento em que ela implica – nas palavras do paciente ao concluir que “parece uma sina” –; na repetição de algo que em si jamais será prazeroso, pois só traz sofrimento ao sujeito – ao apostar seu dinheiro “até perder tudo” e as conseqüências disto em sua vida –; enfim, na expressão de prazer em seu rosto ao falar de suas perdas, indicando um ponto de gozo daquele sujeito.

Naturalmente, não é possível avaliarmos com precisão o que impediu com que L. desse continuidade ao tratamento, pois o contato com o paciente foi breve, sendo leviano tecer conjecturas e levantar hipóteses com base em dados tão incipientes. Ainda assim, por se tratar de um caso cujas características permitem delinear tão bem a incidência da repetição e do gozo, julgamos interessante mencioná-lo. No que diz respeito à transferência, acreditamos que essa não tenha se estabelecido, ainda que não possamos afirmá-lo com propriedade.

Não obstante, faz-se necessário pensarmos na importância da transferência enquanto ferramenta imprescindível à nossa práxis. Como apontamos anteriormente, a mesma atua como a força que impulsiona o tratamento, sendo o motor da análise e o instrumento com o qual o analista opera. Uma vez que não venha a se estabelecer essa ligação entre um significante do sujeito e um significante qualquer do analista, torna-se inviável que o trabalho de análise possa vir a ocorrer.

Já no segundo caso, relatado por Rabinovich (1989/2004), trata-se de uma paciente que chega a ela sem uma queixa específica, relatando de modo vago um mal-estar que mal consegue dizer se é consigo mesma ou com os outros. Salta aos olhos da analista sua obesidade, no entanto esta não aparece como sintoma, num primeiro momento, ainda que para sua analista fosse esse o motivo pelo qual se consultava, apesar de não mencioná-lo. Além disso, suas queixas se referem a problemas triviais do cotidiano, não havendo uma pergunta sobre o que se passava com ela, levando a um questionamento se uma análise se justificaria nesse caso ou não. A analista apostou que sim, pois apesar de,

aparentemente, se tratar da miséria de viver, a paciente paga pela sessão, se faz presente nas mesmas, levando a crer que, a despeito das dificuldades, o trabalho é possível.

Com o desenrolar da análise, começa a se delinear o modo de posicionamento da paciente em relação ao Outro, coerente com a posição de objeto oral, ao cumprir seus deveres e responder sempre às demandas diversas que lhe eram imputadas, seja pelo marido, filhos ou demais familiares, chegando mesmo a se antecipar à demanda. Esse modo de posicionamento, nada mais é do que uma tentativa de encobrir a inconsistência do Outro, bem como sua própria inconsistência. Quando a manutenção dessa posição se tornava insustentável, de modo que não lhe era possível responder às demandas que lhe eram direcionadas, ocorriam os acessos de bulimia, manifestando um ponto de gozo específico dessa paciente.

Conforme Rabinovich (1989/2004) nos aponta, é visível que, ao se situar dessa maneira diante do Outro, há um ganho de gozo, um certo mais-de-gozar que garantem ao Outro essa suposta consistência. Ao escutar a paciente e dar-lhe razão em suas queixas, a analista possibilita que algo dessa consistência possa ser colocada em xeque.

No decorrer do tratamento e com estabelecimento paulatino da transferência, opera-se, através do dispositivo analítico, um deslocamento de gozo do sujeito, o qual podia ser observado tanto no consumo excessivo de alimentos, quanto na posição ocupada pelo mesmo, em que se oferecia como “pasto da devoração dos outros” (Rabinovich, 1989/2004, p. 58). Com o desenrolar do tratamento, a paciente começa a fazer um regime, bem como passa a questionar o Outro – cuja consistência se esvai – tornando-se alguém que passa a demandar e não apenas atender às demandas.

Desse modo, algo se deu que modificou as relações até então estabelecidas entre a paciente, o Outro e o objeto *a*, pois “até o momento em que se produz esta virada na transferência, era a paciente que estava no lugar de um objeto que devia obturar um Outro, ou seja, fazê-lo consistente.” (Rabinovich, 1989/2004, p. 65)

À época em que foi relatado, o referido caso ainda seguia em andamento e, segundo a autora, ainda havia muito trabalho a ser feito.

A escolha em relatar esses dois casos se deve ao fato de se tratarem de casos cada vez mais freqüentes na clínica, apontando para a atualidade do tema. Além disso, compreendem os conceitos destrinchados nessa pesquisa, sendo bastante ilustrativos quanto aos mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou efetuar uma pesquisa sobre a repetição em sua articulação com o gozo. Todo aquele que pensa em se aventurar através da clínica psicanalítica, invariavelmente, irá se deparar com esses fenômenos. A atualidade do tema e a relevância de nos aprofundarmos ainda mais em seu estudo, de modo a oferecermos contribuições efetivas à psicanálise, são indiscutíveis.

Com este objetivo, o que buscamos através dessa pesquisa, foi realizar uma tentativa de esclarecer pontos essenciais para que possamos tratar da questão – como os conceitos, aqui discutidos, de repetição, pulsão de morte, gozo, objeto *a*, mais-de-gozar, transferência, entre outros.

Optamos por explorá-los passo a passo, partindo das primeiras conjecturas freudianas sobre a repetição, quando esta ainda era vista como repetição a partir do sintoma e ligada, diretamente, à transferência, até chegar à diferenciação efetuada por Lacan entre *tiquê* e *autômaton*, onde a primeira foi articulada ao encontro com o real, com o inapreensível, enquanto a segunda foi articulada em relação à rede dos significantes, ao simbólico. A discussão perpassou pela busca incessante pelo objeto perdido, levando à uma breve caracterização do objeto *a*, além de levar em conta, também, o conceito de traço unário.

Trilhado esse caminho, abordamos as pulsões, partindo da definição de pulsão e passando pela elaboração do conceito de pulsão de morte, o qual se deu, em grande parte, graças à descoberta da repetição e da observação de fenômenos como o jogo do *fort-da*, os sonhos presentes nas neuroses traumáticas, a reação terapêutica negativa, enfim, tudo aquilo que, claramente, ia de encontro ao princípio de prazer. Não deixamos de mostrar a intrínseca relação entre a pulsão de morte e a cadeia significante, pondo de lado qualquer viés biologicista que ainda pudesse restar.

Assim, chegamos ao conceito lacaniano de gozo, consequência dos conceitos supracitados, discutidos nos capítulos anteriores. O gozo foi abordado em sua vertente de mais-de-gozar, visto que o interesse principal dessa pesquisa era compreender as relações existentes entre repetição, pulsão de morte e gozo, visto que a satisfação pulsional, obtida através de algo que, a princípio, provoca sofrimento ao sujeito, foi o que mais nos chamou atenção. De modo a explicar o aparecimento do objeto *a*, fundamental ao se falar do mais-de-gozar, discorreremos sobre as operações de alienação e separação.

Os impasses surgidos na clínica mereceram lugar de destaque na discussão, pois os aspectos aqui trabalhados, além de inerentes à estrutura do sujeito, apresentam-se com força e profundidade nos sintomas dos pacientes, como é possível perceber em suas vidas e no decorrer do tratamento. Em alguns casos os fenômenos abordados se apresentam de forma mais evidente, em outros tantos surgem de modo mais sutil.

Desse modo, trabalhamos, no último capítulo, o conceito de transferência, imprescindível à clínica, caracterizando-a e estabelecendo as diferenças e similaridades entre a mesma e a repetição, bem como as articulações possíveis entre elas, a pulsão de morte e o gozo. A fim de melhor esclarecer os aspectos referentes à clínica psicanalítica e à posição do psicanalista, trabalhamos alguns aspectos ligados ao discurso do analista, à relação entre saber e gozo e ao ato analítico. Por fim, trouxemos duas vinhetas sobre a clínica, a fim de melhor ilustrar a discussão empreendida, apesar de se tratar de um trabalho teórico.

Conclui-se que, a partir de tudo o que foi trabalhado ao longo dessa pesquisa, a questão crucial versa sobre o papel da análise. Segundo Lacan, a essência do discurso analítico é a articulação da renúncia ao gozo. Isso é possível em virtude de um efeito do próprio discurso, o qual, ao implicar o sujeito, detém os meios de gozar. (Viltard, 1996)

Como foi visto no terceiro capítulo, Lacan, partindo do conceito marxista de mais-valia, estabeleceu uma função homóloga, chamada mais-de-gozar, produzida pelo discurso, sendo um efeito deste. “O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso. É isso que dá lugar ao objeto *a*” (Lacan, 1969/2008, p.19). Sobre esse se diz que é o objeto ausente, o objeto perdido, o qual o sujeito tenta incessantemente reencontrar, mas está fadado a nunca conseguir.

A repetição pode, portanto, ser melhor compreendida sob este aspecto, já que se trata de um movimento de busca em direção a um objeto inatingível. Para Lacan, a origem do gozo se situa nesta busca repetitiva e inútil, pois a repetição gira em torno de uma perda, de modo que o que é repetido não coincide com o que isso repete. (André de Sousa, 1996; Roudinesco & Plon, 1998)

No nível da clínica reconhecemos que o que se repete é o sintoma, mas a repetição está para além dele, sendo preciso pensá-la, de modo já apontado no decorrer desse texto, como um dado da estrutura, insuperável, visto que “a compulsão à repetição é, por conseguinte, a insistência da cadeia significativa” (André de Sousa, 1996, p. 451).

Segundo Attié (1997), é possível formular o sintoma analítico de acordo com a seguinte estrutura quadripartite: “alguma coisa se repete na vida do sujeito (repetição), que conduz a uma demanda (pulsão). A demanda supõe um sujeito suposto saber e alguma coisa de opaco para o sujeito, a fantasia” (Attié, 1997, p. 153). Sendo assim, a transferência, condicionada ao sujeito suposto saber, tem como função possibilitar ao analisante se engajar na tarefa analítica, uma vez que o analista é colocado no lugar do Outro, no lugar daquele que sabe algo acerca do significado oculto em seu sintoma, ainda que, a princípio, ele nada saiba. Ou seja, a partir daí o analisante, enquanto sujeito dividido, se engaja numa busca pela verdade oculta em sua fala, possibilitando que algo da ordem do saber possa vir a ser construído no decorrer da análise.

Conforme já afirmamos no presente trabalho, os conflitos serão solucionados através da resolução da própria transferência, a qual será desmontada ao longo do tratamento, liberando a libido de seus pontos de fixação e permitindo que esta fique livre para se ligar a vários outros objetos. (Maurano, 2006)

Para que algo possa se modificar nessa relação entre o sujeito e o gozo, é preciso que o analista intervenha, através do ato analítico, a fim de denunciar aqueles pontos que permanecem inalisáveis no sintoma e de promover certo esvaziamento de gozo, permitindo ao sujeito se situar melhor diante de seu desejo.

A pesquisa em questão surgiu diante desse quadro e buscou realizar uma tentativa de elucidar conceitos tão decisivos para a psicanálise, de modo a trazer contribuições efetivas à práxis. Ainda que se trate de um trabalho teórico, não se encontra dissociado da clínica.

Visto a abrangência e complexidade do tema abordado, mesmo após tudo o que discorreremos no presente trabalho, ainda há muito a se refletir e pesquisar sobre essas questões, uma vez que somos confrontados diariamente com uma série de dificuldades na clínica, imputadas pelas diversas modalidades de gozo que se apresentam diante de nossos olhos. Em frente a isso tudo e à diversidade de sintomas que aparecem, cabe ao analista não se prender ao sintoma, mas sim trabalhar através desse ponto da estrutura, que marca a insistência do real, do que não se pode nomear, dando lugar à falta e não a tamponando, buscando seguir numa direção contrária ao que vemos atualmente em nossa sociedade, seja através do consumo exarcebado, da medicalização ou das diferentes modalidades terapêuticas.

REFERÊNCIAS

- André de Sousa, E. L. (1996). Os conceitos. In P. Kaufmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan* (pp. 448-453). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Andrès, M. (1996). Os conceitos. In P. Kauffmann (Org.), *Dicionário enciclopédico de psicanálise: O legado de Freud e Lacan* (pp. 84-85). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Attié, J. (1997). Sublimação – sintoma? In M. A. C. Ribeiro, & M. B. Motta (Orgs.), *Os destinos da pulsão: Sintoma e sublimação* (pp. 145-172). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Avelar, A. S. P. (2005). *A questão da repetição no pensamento freudiano*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.
- Braga, M. L. S. (1999). As três categorias peircianas e os três registros lacanianos. *Psicologia USP*, 10(2), 81-91.
- Elia, L. (1995). *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê.
- Ferreira, N. P. (2002). Jacques Lacan: Apropriação e subversão da lingüística. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 5(1), 113-131.
- Fink, B. (1991/1997). A causa real da repetição. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 239-245). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Freud, S. (1996). Projeto para uma psicologia científica. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 335-454). (J. L. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1895).
- Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 111-119). (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996). Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 163-171). (J. O. A. Abreu, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). Os instintos e suas vicissitudes. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 123-144). (T. O. Brito, P. H. Britto, & C. M. Oiticica, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (1996). Conferência XXVII: Transferência. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 16, pp. 433-448). (J. L. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1916-1917).

Freud, S. (1996). Além do princípio de prazer. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 17-75). (E. A. M. Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1920).

Freud, S. (1996). Psicologia de grupo e a análise do ego. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 81-154). (E. A. M. Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1921).

Freud, S. (1996). O ego e o id. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 15-80). (E. A. M. Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1923).

Freud, S. (1996). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 177-188). (E. A. M. Souza, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1924).

Freud, S. (1996). Conferência XXXII: Ansiedade e vida instintual. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 85-112). (J. L. Meurer, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Texto original publicado em 1932).

Garcia-Roza, L. A. (1987). *Acaso e repetição em psicanálise: Uma introdução à teoria das pulsões* (2a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Garcia-Roza, L. A. (1997). *O mal radical em Freud* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Jorge, M. A. C. (2008). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan* (5a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1998). O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1936).

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan (Ed.), *Escritos* (pp.591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1958).

Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: A ética da psicanálise* (2a ed.). (A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1960).

Lacan J. (1992). *O seminário, livro 8: A transferência*. (D. D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1960/61).

Lacan, J. (1988). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (2a ed.). (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1964).

Lacan, J. (1967-1968). *O seminário, livro 15: O ato psicanalítico*. Seminário não publicado.

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1968/1969).

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (2a ed.). (A. Roitman, & A. Quinet, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1969/1970).

Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: Mais, ainda* (2a ed.). (M. D. Magno, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Texto original publicado em 1972/1973).

Laurent, E. (1997). Alienação e separação I. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 31-41). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Leal, C. M. C. (2011). *Da determinação simbólica ao encontro com o real: Como se produz a diferença a partir da repetição na experiência de uma análise?* Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Leypold, E. (2006). A reação terapêutica negativa: Diferença de leitura e de prática em Freud e em Lacan. (A. T. Ribeiro, Trad.). In Letra Freudiana (Coord.), *O campo do gozo* (pp. 27-32). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana.

Luiç, N. E. V. (2012). *O real na letra da lei: Uma escrita que dê lugar ao sujeito*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Maurano, D. (2006). *A transferência: Uma viagem rumo ao continente negro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Miller, J. A. (1997). Contexto e conceitos. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 15-28). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Miller, J. A. (2000, Abril). Os seis paradigmas do gozo. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, 26/27, 87-105.

Miranda, E. R. (1997). Análise – Um percurso. In M. A. C. Ribeiro, & M. B. Motta (Orgs.), *Os destinos da pulsão: sintoma e sublimação* (pp. 101-104). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.

Neves, B. R.C., & Vorcaro, A. M. R. (2011). Breve discussão sobre o traço unário e o objeto a na constituição subjetiva. *Psicologia em Revista (Belo Horizonte)*, 17(2), 278-290.

Quinet, A. (1996). *As 4+1 condições da análise* (4a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Quinet, A. (1997). O olhar como um objeto. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o seminário 11 de Lacan* (pp. 155-163). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Rabinovich, D. S. (2004). *Clínica da pulsão – As impulsões*. (A. L. O. Lopes, Trad.). Rio de Janeiro: Companhia de Freud. (Obra original publicada em 1989).

Rickes, S. (2003). Escrita da clínica e transmissão da psicanálise. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 25, 119-133.

Rinaldi, D. (2007). Escrita e invenção. In: A. Costa, & D. Rinaldi (Orgs.), *Escrita e psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2007.

Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de psicanálise*. (V. Ribeiro, & L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: Do mito da pulsão à deriva do gozo*. (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Vanier, A. (2005). *Lacan*. (N. A. Bonatti, Trad.). São Paulo: Estação Liberdade.

Viltard (1996). Os conceitos. In P. Kaufmann (Org.). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan* (pp. 221-224). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.